

# APOLOGÉTICA

lacus sed turpis tincidunt id al  
ssa ultricies mi quis. Magna fer  
gellus. Eget sit amet tellus  
vitae et leo dui ut  
eu non diam ph  
t di



semper feugiat  
ing elit dui  
t mauris  
la fame  
h, ma



Seminário  
Casa de  
Profetas



## SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
Introdução: Conceito de Apologética	03
Questão Teológica	04
Capítulo I: A Necessidade da Apologética	05
Capítulo II: Objeções à Apologética	07
Capítulo III: Tipos de Apologética	10
Capítulo IV: Cosmvisão	11
Capítulo V: Argumento da Apologética – As doze proposições básicas.	16
Capítulo VI: Visões da Criação	17
Capítulo VII: Conceitos Filosóficos / Religiosos	18
Capítulo VIII: Os Apologetas	20
Capítulo IX: Principais Grupos Heréticos	30
Capítulo X: Os Quatro Argumentos Racionais sobre a Existência de Deus	34
Capítulo XI: Supostos Erros da Bíblia	46
Capítulo XII: O Papel do Espírito Santo na Apologética	48
Capítulo XIII: Carta a Diogneto e o Didaquê	51
Conclusão	71
Referências	72

## INTRODUÇÃO

Apologética é a disciplina que lida com a defesa racional da fé cristã. O termo tem origem na palavra grega apologia que significa **“apresentar, dar uma razão” ou “defesa”**. O termo é usado em contraste com polêmica, que é um debate efetuado entre cristãos a fim de determinar a verdadeira posição cristã sobre alguma questão específica.

Presumivelmente, a apologética aborda questões defendidas por alguma fé religiosa específica, como o cristianismo, mas que são negadas pelos incrédulos. No uso comum, a palavra é usualmente empregada para indicar a defesa do cristianismo. Positivamente, a apologética tenta elaborar e defender uma visão cristã de Deus, da alma e do mundo, uma visão apoiada pelos raciocínios reputados capazes de convencer os não-cristãos da veracidade das doutrinas envolvidas.

Negativamente, trata-se de um esforço para antecipar possíveis pontos de ataque, defendendo as doutrinas cristãs contra tais ataques.

Então, seja bem-vindo ao Curso: “Apologética”

Tenha um bom estudo!

## QUESTÃO TEOLÓGICA

Um professor ateu desafiou seus alunos com uma pergunta:

Deus fez tudo que existe?

Um aluno respondeu: Sim professor.

Respondeu o jovem.

O professor explicou: Se Deus fez todas as coisas, então Deus fez o mal, pois o mal existe, e considerando-se que nossas ações são reflexos de nós mesmos, então Deus é mal.

O estudante calou-se diante de tal resposta e o professor, feliz se vangloriava de haver provado uma vez mais que a fé era um mito.

Outro estudante levantou sua mão e disse: Posso lhe fazer uma pergunta professor?

Sem dúvida. Respondeu o professor.

O jovem ficou de pé e perguntou: Professor o frio existe?

Mas que pergunta é essa? Claro que existe. Você por acaso nunca sentiu frio?

O rapaz respondeu: Na verdade, professor, o frio não existe. Segundo as leis da física, o que consideramos frio na realidade é ausência de calor. Todo corpo ou objeto pode ser estudado quando tem ou transmite energia, mas é o calor e não o frio que faz com que tal corpo tenha ou transmita energia. O zero absoluto é a ausência total e absoluta de calor, todos os corpos ficam inertes, incapazes de reagir, mas o frio não existe. Criamos esse termo para descrever como nos sentimos quando nos falta o calor. E a escuridão, existe? Continuou o estudante.

O professor respondeu: Mas é claro que sim.

O estudante respondeu: Novamente o senhor se engana. A escuridão tampouco existe. A escuridão é na verdade a ausência de luz. Podemos estudar a luz, mas a escuridão não. O prisma de Newton decompõe a luz com seus diferentes comprimentos de onda. A escuridão não. Um simples raio de luz rasga as trevas e ilumina a superfície que a luz toca. Como se faz para determinar quão escuro está um determinado local do espaço? Apenas com base na quantidade de luz presente nesse local, não é mesmo? Escuridão é um termo que o homem criou para descrever o que acontece quando não há luz presente.

Finalmente, o jovem estudante perguntou ao professor: Diga professor, o mal existe?

Claro que existe. Como eu disse no início da aula, vemos roubos, crimes e violência diariamente em todas as partes do mundo, essas coisas são o mal.

Então o estudante respondeu: O mal não existe, professor ou ao menos não existe por si só. O mal é simplesmente a ausência de Deus. É como nos casos anteriores, um termo que o homem criou para descrever essa ausência de Deus. Deus não criou o mal. Não é como a Fé ou o Amor, que existem como existe a luz e o calor. O mal resulta de que a humanidade não tenha Deus presente em seus corações. É como o frio que surge quando não há calor, ou a escuridão que acontece quando não há luz.

## CAPÍTULO I – A NECESSIDADE DA APOLOGÉTICA

### 1. Razões Importantes Para Participar Da Tarefa Apologética

#### a. Deus a ordena.

A razão mais importante para a apologética é que Deus a ordenou. A afirmação clássica é:

***“antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência..” I Pe 3:15, 16<sup>A</sup>***

Esse versículo nos diz para estarmos prontos. Talvez jamais encontremos alguém que faça perguntas difíceis sobre nossa fé; mesmo assim devemos estar prontos para responder caso alguém pergunte. Estar pronto não é só uma questão de ter a informação correta à disposição, é também a atitude de prontidão e vontade de compartilhar a verdade sobre o que acreditamos. Não se espera que toda pessoa precise de pré-evangelismo, mas, se alguém necessitar, devemos ser capazes, e estarmos dispostos a lhe responder.

***“Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo, II Co 10.4, 5.*** – Isso significa que devemos confrontar questões nas mentes e nos pensamentos expressos por outros que porventura impeçam a nós e a eles de conhecer a Deus. Essa é a essência da apologética.

***“Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo.” Fp 1.7*** – Nesse texto Paulo alude à sua missão de ***“defesa e confirmação do evangelho”***. Ele acrescenta no versículo 16: ***“aqui me encontro para a defesa do evangelho”***. Isso

implica que o defensor do evangelho esteja em lugares onde possa encontrar outros e defender a verdade perante eles.

***“Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos. Jd 3 – O povo a quem Judas escreveu, fora vítima de falsos mestres, e ele precisava encorajá-los a batalhar pela fé como fora revelado por Cristo. Judas faz uma afirmação importante sobre nossa atitude no versículo 22: “compadecei-vos de alguns que estão na dúvida” Jd 22.***

***“apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.” Tt 1.9 – Paulo faz do conhecimento das evidências cristãs uma obrigação da liderança eclesiástica. Um bispo na igreja dever ser apegado à palavra e preparado para convencer os que se opõe.***

***“Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, II Tm 2.24, 25.***

Quem tentar responder a perguntas de incrédulos certamente será insultado e tentado a perder a paciência, mas nosso objetivo principal é que cheguem ao conhecimento da verdade de que Jesus morreu por nossos pecados. Com uma tarefa tão importante a realizar, não devemos deixar de obedecer a esse mandamento.

## **b. É Exigência da Razão**

Deus criou os seres humanos com a capacidade de raciocinar como parte da sua imagem. Na verdade, é pelo raciocínio que os humanos se distinguem dos demais seres (Jd 10). Deus chama seu povo para usar a razão (Is 1.18), para discernir o que é verdadeiro ou falso (I Jo 4.6) e correto ou errado (Hb 5.14). Um princípio fundamental da razão é que ela deve ter evidências suficientes para a fé. Uma fé sem justificação não passa disso – é injustificada. Sócrates disse: *“A vida não examinada não vale a pena ser vivida”*. Ele certamente estaria disposto a acrescentar que a fé não examinada não vale a pena ser vivida. Portanto, é obrigação dos cristãos defenderem sua fé. Isso faz parte do grande mandamento de amar a Deus de todo coração, alma e mente (Mt 22.36, 37).

### c. É Necessidade Do Mundo

As pessoas se recusam claramente a crer sem provas. Já que Deus criou os humanos como seres racionais, ele espera que vivam racionalmente, olhando antes de dar um passo. Isso não significa que não haja espaço para a fé. Mas Deus quer que demos um passo de fé à luz das evidências, não no escuro. Evidências da verdade devem preceder a fé. Nenhuma pessoa sensata entra num avião que está sem parte de uma asa e com cheiro de fumaça na cabine. As pessoas lidam com duas dimensões de fé: **FÉ QUE e FÉ EM**. **Fé que** dá a evidência e base racional para a confiança necessária para estabelecer fé **em**. Quando a **fé que** é estabelecida, podemos depositar **fé em** alguma coisa. Portanto, a pessoa racional quer provas de que Deus existe antes de depositar sua fé em Deus. Incrédulos racionais querem provas de que Jesus é o Filho de Deus antes de depositar sua confiança nele.

## CAPÍTULO II - OBJEÇÕES À APOLOGÉTICA

Há pessoas que se opõe à tarefa apologética e usam argumentos na própria Bíblia para tal. Um defensor da apologética pode ver nos textos das Escrituras geralmente citados contra a tarefa apologética, algumas más interpretações ou aplicações, que na realidade não demonstram que a apologética seja desnecessária.

### 1. Objeções à Apologética baseadas na Bíblia:

#### a. A bíblia não precisa ser defendida

Alguns dizem que a Bíblia não precisa ser defendida, apenas exposta: **“Porque a palavra de Deus é viva e eficaz.” Hb 4.12<sup>a</sup>**. Dizem que a Bíblia é como um leão; ele não precisa ser defendido, só solto. Um leão pode defender-se sozinho. Isso pressupõe que a Bíblia é a Palavra de Deus. É claro que a Palavra de Deus é final e fala por si própria. Mas como sabemos que a Bíblia, e não o Alcorão ou o livro de Mórmon é a palavra de Deus? É necessário apelar para a evidência para determinar isso. Nenhum cristão aceitaria a seguinte afirmação: “O Alcorão é vivo e eficaz...”. Devemos exigir evidências. A analogia do leão é enganadora. O rugido do leão fala por si próprio com autoridade só porque conhecemos por evidências anteriores o que o leão pode fazer. Sem histórias de terror sobre

a ferocidade do leão, seu rugido não teria autoridade. Da mesma forma, sem evidências para estabelecer uma afirmação de autoridade, não há razão para aceitar essa autoridade.

#### **b. Deus não pode ser conhecido pela razão humana**

*“O mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana” I Co 1.21.* Isso não significa, porém, que não haja evidências para a existência de Deus, já que Paulo declarou em Romanos que a evidência da existência de Deus é tão clara que os homens são indesculpáveis mesmo sem ter ouvido o evangelho (Rm 1.19, 20). Além disso, o contexto de I Coríntios não se refere à existência de Deus, mas sim seu plano de salvação por meio da cruz. Isso não pode ser conhecido pela mera razão humana, apenas pela revelação divina. É loucura para a mente humana depravada. Finalmente, nessa mesma carta de I Coríntios, Paulo dá a maior evidência apologética para a fé cristã – as testemunhas oculares da ressurreição de Cristo, que seu companheiro Lucas chamou de provas indiscutíveis (At 1.3). Então sua referência ao mundo que não conheceu a Deus por meio da sabedoria não é menção à incapacidade dos seres humanos de conhecer a Deus mediante a evidência que ele revelou na criação. (Rm 1.19,20) e na consciência (Rm 2.12-15). É, sim, referência à depravação humana e rejeição insensata da mensagem da cruz. Na verdade, apesar de a humanidade saber claramente por meio da razão que Deus existe, no entanto ela suprime ou troca essa verdade pela injustiça (Rm 1.18).

#### **c. Jesus recusou-se a fazer sinais para os ímpios**

*“uma geração perversa e adúltera pede sinal” Mt 12.39;* Jesus recusou-se a fazer sinais para os ímpios. Jesus repreendeu o povo que buscava sinais; então devemos contentar-nos em apenas acreditar. Recusou satisfazer a curiosidade do rei Herodes, Lc 23.8, e também por causa da incredulidade, Mt 13.58.

#### **d. A apologética não é usada na bíblia**

Se a apologética é bíblica, porque não a encontramos sendo usada na bíblia. Em primeiro lugar que a bíblia não foi escrita para incrédulos, mas para crentes. Pelo fato de serem crentes não há necessidade de provar nada. Mas de fato a apologética é usada na Bíblia, muitos não reconhecem esse fato. Moisés usou a apologética. O primeiro capítulo de Gênesis confronta claramente as histórias místicas da criação conhecidas em sua época. Seus milagres no Egito foram a resposta de que Deus falava por meio dele Ex 4.1-9. Elias usou a apologética no monte Carmelo quando provou

milagrosamente que O Senhor é Deus e não baal I Re 18. Jesus utilizou quando provou por milagres que era Filho de Deus, Jo 3.2, At 2.22. O apóstolo Paulo usou a apologética em Listra quando provou, a partir da natureza, que o Deus supremo do universo existia e que a idolatria era errada At 14.6-20. Um forte caso de apologética no Novo Testamento está em At 17 em que Paulo debateu com os filósofos na colina de Marte, Areópago. Ele não só apresentou a evidência favorável à existência de Deus a partir da natureza, mas também defendeu, com base na história, que Cristo era o Filho de Deus. Citou filósofos pagãos para apoiar seus argumentos.

## **2. Objeções à Apologética com bases não bíblicas.**

Essas objeções contra a apologética surgem de suposições de sua irracionalidade, incoerência ou improdutividade. Muitas partem do ponto de vista racionalista ou cético.

### **a. A lógica não pode dizer nada sobre Deus.**

Essa objeção é contraditória. Diz que a lógica não pode ser aplicada a essa questão. Mas a afirmação subtende um conhecimento lógico sobre Deus. Apela à lógica porque afirma ser ela verdadeira enquanto seu oposto é falso. A lógica não pode provar a existência de nada. É verdade, a lógica nos mostra apenas o que é possível ou impossível. Sabemos pela lógica, por exemplo, que círculos quadrados são impossíveis. Também sabemos que algo pode existir, já que nenhuma contradição está envolvida em afirmar que algo existe. Sabemos intuitivamente e inegavelmente. Pois não posso negar minha existência a não ser que eu exista para negá-la. A afirmativa “Eu não existo” é contraditória, já que tenho de existir para poder pronunciá-la. Então, apesar de a lógica não poder provar a existência de nada, temos conhecimento inegável de que algo existe. E, uma vez que sabemos que algo existe (por exemplo, eu existo), então a lógica pode ajudar-nos a determinar se é finito ou infinito. E, se é finito, a lógica pode ajudar-nos a determinar se também existe um ser infinito.

### **b. A razão é inútil em assuntos religiosos**

O argumento é que a razão é inútil em assuntos que lidam com Deus. É preciso apenas acreditar. A fé, e não a razão, é o que Deus exige (Hb 11.6). Mas até nas escrituras Deus manda usar a razão (Is 1.18); Mt 22.36, 37; I Pe 3.15). Deus é um Ser racional, e nos criou para sermos seres

racionais. Deus não insultaria a razão que nos deu pedindo que a ignorássemos em assuntos tão importantes quanto nossas convicções a seu respeito.

## CAPÍTULO III – TIPOS DE APOLOGÉTICA

Existem diferentes tipos de sistemas de apologética, mas não existe um meio universalmente reconhecido para categorizá-los. Contudo existem alguns termos geralmente aceitos que se podem usar para perceber de maneira significativa as diferenças entre as abordagens mais populares. Algumas modalidades se sobrepõe à outras.

1- **Apologética Clássica**, a apologética clássica enfatiza argumentos a favor da existência de Deus, assim como a evidência histórica que apoia a veracidade do cristianismo. A apologética clássica é caracterizada por dois passos básicos: **argumentos teístas e comprobatórios**. Argumentos teístas são usados para estabelecer a verdade do teísmo à parte do apelo à revelação especial. A apologética clássica aceita a validade das provas teístas tradicionais sobre Deus, apesar de alguns enfatizarem apenas uma delas. E alguns invalidam certas provas tradicionais, com mais frequência o argumento ontológico. O segundo passo é a evidência histórica confirmada que substancia a verdade. Os documentos do Novo Testamento são comprovadamente confiáveis do ponto de vista histórico e no Novo Testamento, Jesus afirmou várias vezes a autoridade do Antigo Testamento, dando as Escrituras o status de Palavra de Deus. A apologética clássica foi praticada por Agostinho, Tomas de Aquino, dentre outros.

2- **Apologética Evidencial**. A apologética evidencial enfatiza a necessidade da prova para apoiar as afirmações das verdades cristãs. A evidência pode ser racional, histórica, arqueológica, e até experimental. Como é muito ampla, esta categoria se sobrepõe a outros tipos de apologética.

3- **Apologética Experimental**. Alguns cristãos apelam principalmente, mas não exclusivamente, à experiência como evidência da fé cristã. Alguns apelam à experiência religiosa em geral. Outros a experiências religiosas especiais. Nessa segunda categoria estão os que enfocam experiências místicas e outros que identificam o que acreditam ser experiências de conversão especificamente sobrenaturais. Existem algumas diferenças obviamente importantes no amplo

espectro experimental. O valor da experiência religiosa geral é de valor limitado para a apologética exclusivamente cristã. Na melhor das hipóteses, a experiência geral estabelece a credibilidade da crença em algum tipo de ser supremo (não necessariamente o Deus teísta). No entanto, as provas da experiência religiosa tem sido oferecidas por cristãos e outros. Experiências religiosas gerais estão disponíveis a todos. Experiências religiosas especiais são mais limitadas. O místico, por exemplo, afirma uma experiência especial com Deus. Experiências místicas diferem das experiências religiosas gerais porque afirmam ser contatos diretos e imediatos com Deus. Os místicos cristãos afirmam que tais experiências são verdadeiras.

4- **Apologética Histórica.** A apologética histórica enfatiza a evidência histórica como base para demonstração da veracidade do cristianismo. Esses apologistas acreditam que mesmo a existência de Deus, pode ser provada apenas pela evidência histórica. Por um lado a apologética histórica pertence à classe mais ampla da apologética comprobatória, mas é diferente porque enfatiza a importância, até mesmo a necessidade, de começar com o registro histórico para comprovar a verdade do cristianismo. O cristianismo é uma religião histórica, então é compreensível que tenha uma ênfase histórica desde o princípio. Os primeiros apologistas defenderam a historicidade do cristianismo.

5- **Apologética Pressuposicional.** A apologética pressuposicional afirma que é preciso defender o cristianismo a partir do alicerce de certas pressuposições. Geralmente o adepto desta escola de apologética pressupõe a verdade básica do cristianismo e depois continua demonstrando que só o cristianismo é verdadeiro.

## CAPÍTULO IV - COSMOVISÃO

Cosmovisão é o modo pelo qual a pessoa vê ou interpreta a realidade. A palavra alemã é *weltanschau-ung*, que significa um “mundo e uma visão de vida”, ou “um paradigma”. É a estrutura por meio da qual a pessoa entende os dados da vida. Uma cosmovisão influencia muito a maneira em que a pessoa vê Deus, origens, o mal, a natureza humana, valores e destino.

Há sete visões principais de mundo. Cada uma é singular, ninguém pode acreditar coerentemente em mais de uma cosmovisão, porque as premissas centrais são mutuamente

exclusivas. É claro que apenas uma cosmovisão pode ser verdadeira. As sete cosmovisões principais são: teísmo, deísmo, ateísmo, panteísmo, panenteísmo, teísmo finito e politeísmo.

### 1. Analisando as visões:

**A. Teísmo.** Um Deus infinito e pessoal existe além do e no universo. O teísmo diz que o universo físico não é tudo que existe. Há um Deus infinito e pessoal além do universo que criou, que o sustenta e que age nele de forma sobrenatural. Está transcendentemente “em algum lugar distante” e imanentemente “aqui”. É a visão representada pelo judaísmo tradicional, o cristianismo e o islamismo.

**B. Deísmo.** Deus está além do universo, mas não nele. O deísmo é o teísmo sem milagres. Diz que Deus é transcendente sobre o universo mas não imanente nele, por certo não sobrenaturalmente. Defende uma visão naturalista da operação do mundo. Junto com o teísmo, acredita que o originador do mundo é um Criador. Deus fez o mundo, mas não age nele. Ele “deu corda” na criação e a deixa funcionar sozinha. Ao contrário do panteísmo, que nega a transcendência de Deus, favorecendo a sua imanência, o deísmo nega a imanência de Deus, favorecendo sua transcendência. François Marie Voltaire, Thomas Jefferson e Thomas Paine foram deístas.

**C. Ateísmo.** Não existe nenhum Deus além do ou no universo. O ateísmo afirma que o universo físico é tudo que existe. Não existe nenhum Deus em lugar algum, nem no universo nem além dele. O universo ou cosmos é tudo que existe e tudo que jamais existirá. Tudo é matéria. O universo é autossuficiente. Alguns dos ateus mais famosos foram: Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Jean-Pau Sartre.

**D. Panteísmo.** Deus é todo/Universo. Para o panteísta não há criador transcendente além do universo. O Criador e a criação são duas maneiras de denotar uma realidade. Deus é o universo ou todo, e o universo é Deus. Há em última análise, uma realidade, não muitas diferentes. Tudo é mente. O panteísmo é representado por certas formas de hinduísmo, zen budismo e ciência cristã.

**E. Panenteísmo.** Deus está no universo, como a mente está no corpo. O universo é o “corpo” de Deus. É seu pólo real. Mas há outro “pólo” de Deus além do universo físico. Ele tem potencial infinito de se transformar. Essa visão é representada por Alfred North Whitehead, Charles Hartshorne e Shubert Ogden.

**F. Teísmo Finito.** Existe um Deus finito além do e no universo. O teísmo finito é como o teísmo, só que o Deus além do universo e ativo nele é limitado em natureza e poder. Como os deístas, os teístas finitos geralmente aceitam a criação, mas negam a intervenção milagrosa. Muitas vezes a incapacidade de Deus de derrotar o mal é dada como razão para crer que Deus é limitado em poder. John Stuart Mill, William James e Peter Bertocci defendem essa cosmovisão.

**G. Politeísmo.** Muitos deuses existem além do mundo e nele. O politeísmo é a crença em muitos deuses finitos, que influenciam o mundo. Seus defensores negam que qualquer Deus infinito esteja além do mundo. Afirmam que os deuses são ativos, geralmente acreditando que cada um tem seu próprio domínio. Quando um Deus finito é considerado chefe sobre outros, a religião é chamada de henoteísmo. Os principais representantes do politeísmo incluem os gregos antigos, os mórmons e os neopagãos.

## 2. Importância de uma Cosmovisão

Cosmovisões influenciam o significado pessoal e os valores, a maneira em que as pessoas agem e pensam. A pergunta mais importante a que uma cosmovisão responde é: “De onde viemos?” A resposta a essa pergunta é crucial para o modo pelo qual as outras perguntas são respondidas. O teísmo declara que Deus nos criou. A criação foi do nada. O ateísmo acredita que evoluímos por acaso. O ateísmo defende a criação a partir da matéria. O panteísmo afirma que emanamos de Deus como raios do sol ou faíscas do fogo. A criação é a partir do próprio Deus. Os outros usam alguma forma dessas explicações, com ligeiras diferenças.

Essa ideia influenciaria a visão sobre a morte, por exemplo. O teísta acredita na imortalidade pessoal; o ateu geralmente não. Para o teísta, a morte é o começo, para o ateu um término da existência. Para o panteísta, a morte é o fim de uma vida e o começo de outra, levando a uma eventual união com Deus.

Os teístas acreditam que foram criados por Deus com o propósito de ter comunhão eternamente com ele e adorá-lo. Os panteístas acreditam que perderemos toda identidade individual em Deus. Os ateus geralmente veem a imortalidade como a continuação da espécie. Vivemos nas memórias (por certo tempo) e na influência que temos sobre as gerações futuras.

Obviamente, o que a pessoa acredita sobre o futuro influenciará como ela vive agora. No teísmo clássico, “só vivemos na terra uma vez” (Hb 9.27), portanto a vida assume uma certa sobriedade e urgência que não teria para alguém que acredita em reencarnação. A urgência é em lidar com o carma para a próxima vida ser melhor. Mas sempre há mais oportunidades nas vidas futuras de tentar novamente. Para o ateu, o velho comercial de cerveja resume tudo: “viver pra valer, porque só vivemos uma vez”.

Um ato virtuoso recebe significados diferentes das diversas visões de mundo. O teísta vê um ato de compaixão como obrigação absoluta imposta por Deus, que tem valor intrínseco independentemente das consequências. O ateu vê a virtude como obrigação auto-imposta que a raça humana colocou sobre seus membros. Um ato não tem valor intrínseco além do que lhe foi designado pela sociedade.

Também há um abismo entre cosmovisões com relação à natureza dos valores. Para o teísta, Deus dotou certas coisas, a vida humana por exemplo, com valor supremo. É sagrada porque Deus a fez à sua imagem. Assim, há obrigações divinas de respeitar a vida e proibições absolutas contra o assassinato. Para o ateu, a vida tem o valor que lhe foi atribuído pela raça humana e suas diversas sociedades. É relativamente valiosa, comparada com outras coisas. Geralmente o ateu acredita que um ato é bom se traz bons resultados, e mau se não traz. O cristão acredita que certos atos são bons, não importa quais sejam os resultados.

As diferenças em cosmovisões podem ser resumidas no diagrama seguinte.

### 3. Quadro Comparativo das cinco principais cosmovisões

	<b>Teísmo</b>	<b>Ateísmo</b>	<b>Deísmo</b>	<b>Panteísmo</b>	<b>Politeísmo</b>
<b>Deus</b>	Um, infinito, e pessoal	Nenhum	Um, finito e pessoal	Um, infinito, impessoal ou pessoal	Múltiplos finitos e pessoal
<b>Mundo</b>	Criado ex nihilo, finito	Eterno Material	Finito ou eterno	Criado ex Deo, Imaterial	Criado Ex matéria, eterno
<b>Deus e o Mundo</b>	Deus além do e no universo	Só mundo	Deus além, mas não no mundo	Deus é o mundo	Deuses no mundo
<b>Milagres</b>	Possíveis e reais	Impossíveis	Podem ser possíveis/mas não reais	Impossíveis	Possíveis e reais
<b>Natureza Humana</b>	Alma e corpo imortais	Corpo mortal	Corpo mortal/alma imortal	Corpo mortal, alma imortal	Corpo mortal, alma imortal
<b>Destino Humano</b>	Ressurreição para recompensa ou julgamento	Aniquilação	Recompensa ou julgamento da alma	Reencarnação unindo-se a Deus	Recompensa e julgamento divinos
<b>Origem do Mal</b>	Livre arbítrio	Ignorância humana	Livre arbítrio e ou ignorância humana	Ilusão	Em luta entre Deuses
<b>Fim do Mal</b>	Será derrotado por Deus	Pode ser derrotado por seres humanos	Pode ser derrotado por seres humanos ou por Deus	Será absorvido por Deus	Não será derrotado pelos deuses

<b>Base da Ética</b>	Baseada em Deus	Baseada na humanidade	Baseada na natureza	Baseada em manifestações menores de Deus	Baseada em deuses
<b>Natureza Da Ética</b>	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Relativa
<b>História Objetivo</b>	Linear, proposital,	Caótica sem objetivo, eterna	Linear, proposital, eterna	Circular, ilusória, eterna	Linear ou circular, proposital, eterna

## **CAPÍTULO V – ARGUMENTO DA APOLOGÉTICA**

Existem vários tipos de apologética. Mas segundo a apologética clássica, existem certos passos lógicos no argumento geral em defesa da fé cristã. O argumento geral em defesa da fé cristã pode ser formulado em doze proposições básicas. Elas decorrem logicamente uma da outra:

- 1- A verdade sobre a realidade é cognoscível (que pode ser conhecido);
- 2- Os opostos não podem ser verdadeiros;
- 3- O Deus teísta existe;
- 4- Os milagres são possíveis;
- 5- Os milagres realizados junto com uma afirmação verdadeira são atos de Deus para confirmar por meio de mensageiro;
- 6- Os documentos do Novo Testamento são confiáveis;
- 7- Como documento, o Novo Testamento, Jesus afirmou ser Deus;
- 8- A reivindicação da divindade de Jesus foi provada pela convergência singular de milagres;
- 9- Portanto, Jesus era Deus em carne humana;
- 10- Tudo que Jesus (que é Deus) afirmou ser verdadeiro é verdadeiro
- 11- Jesus afirmou que a Bíblia é a Palavra de Deus;

12- Portanto, é verdade que a Bíblia é a Palavra de Deus, e tudo o que se opõe a qualquer verdade bíblica é falso.

## **CAPÍTULO VI - VISÕES DA CRIAÇÃO**

Existem basicamente três tipos de visão a respeito da origem do universo.

### **1. Ex Matéria – A partir da Matéria**

É uma visão materialista que afirma que sempre houve matéria pré-existente. Nessa visão apenas uma realidade é verdadeira: O universo. Para os ateístas materialistas não há Deus, então o termo criação é comparativo. O universo então existe por si só, não houve um criador, veio apenas da matéria.

#### **Dogmas da Criação Ex matéria**

- a. A matéria é eterna
- b. Nenhum criador é necessário
- c. Os humanos não são imortais
- d. Os humanos não são singulares.

### **2. Criação Ex Deo – A partir de Deus**

É uma visão panteísta, pois, a afirmação é a seguinte: O universo seria uma emanção de Deus, sendo assim, Deus e o universo é uma coisa só: Tudo é Deus. Nessa visão há também apenas uma realidade: Deus. Há dois tipos básicos de panteísmo: Absoluto e não absoluto.

- a. Panteísmo absoluto: Afirma que só a mente existe, o material é uma ilusão como um sonho ou uma miragem. Defendida pelo grego Parmênides e o hindu Shankara. Tudo é Um, que Deus.
- b. Panteísmo não absoluto: Aceitam uma multiplicidade na unidade de Deus, como várias gotas formam uma poça, assim é a criação e Deus.

## 2.2. Elementos Importantes

- a. Não há diferença de Criador e criação
- b. A relação entre criador e criação é eterna
- c. O mundo é feito da mesma substância que Deus
- d. A humanidade é Deus.

## 3. Criação Ex Nihilo – A partir do Nada

É uma visão teísta que afirma que Deus criou o universo a partir do nada, sem usar qualquer matéria pré-existente. Portanto, só Deus é eterno. Nessa visão há duas realidades distintas: O Criador que é Deus e a criação que é o universo.

### Elementos importantes:

- a. Somente Deus é eterno
- b. Deus não criou nada a partir de “si”
- c. Deus não criou nada a partir da matéria
- d. Há diferença entre Criador e criação
- e. A criação teve um princípio.
- f. Referências bíblicas: Gn 1.1,3; Sl 104.30; 148.5; Jô 17.5; Mt 19.4; Mc 13.19; Rm 4.17; Cl 1.16; Ap 4.11.

## CAPÍTULO VII – CONCEITOS FILOSÓFICOS E RELIGIOSOS

1- **Agnosticismo**, significa “não conhecimento”, o oposto de gnosticismo. O agnóstico é alguém que alega não conhecer. Quando aplicado ao conhecimento de Deus, há dois tipos básicos de agnósticos: os que afirmam que a existência e a natureza de Deus não são conhecidas, e os que acreditam que não se pode conhecer a Deus. O primeiro não elimina todo o conhecimento religioso, mas o segundo sim.

2- **Aniquilacionismo**, é a doutrina da extinção das almas dos ímpios em vez de serem enviadas, conscientes, para o inferno eterno. Os descrentes serão destruídos, enquanto os justos entrarão no estado de bem-aventurança eterna.

3- **Ceticismo**, atitude ou doutrina segundo a qual o homem não pode chegar a qualquer conhecimento indubitável, quer nos domínios das verdades de ordem geral, quer no de algum determinado domínio do conhecimento. Estado de quem duvida de tudo, descrença.

4- **Cientificismo**, é a crença de que o método científico é o único método de descobrir a verdade. O pai desse pensamento foi o ateu Augusto Comte (1798-1857). O cientificismo acolhe muitas crenças individuais como o ateísmo, teorias evolutivas, materialismo.

5- **Determinismo**, é a crença que todos os eventos, inclusive escolhas humanas são determinadas ou causadas por outro. Os defensores dessa visão acreditam que escolhas humanas são o resultado de causas antecedentes, que por sua vez foram causadas por causas anteriores. Há dois tipos básicos: naturalista e teísta – Deterministas naturalistas: nessa teoria humanos são como pincéis na mão do artista que seria uma mistura de manipulação societária e o acaso. A versão teísta dessa visão insiste em que Deus é a causa final que determina todas as ações humanas.

8- **Dualismo**, é a crença que há dois princípios co-eternos em conflito um com o outro, tais como: bem e o mal, material e espiritual, nenhum princípio pode ser supremo, já que ambos são eternos e limitado pelo outro.

9- **Evolucionismo**, é o pensamento através do qual acredita-se que as espécies são um resultado de uma constante evolução biológica.

10-**Exclusivismo**, com relação a reivindicação da verdade, afirma que, se uma proposição da verdade é verdadeira, todas as proposições opostas a ela devem ser falsas. O exclusivismo religioso afirma que só uma religião é verdadeira. Em contraste está o Pluralismo religioso, vários termos estão ligados ao pluralismo:

**a) Pluralismo**, crença de que toda religião é verdadeira, cada uma proporciona um encontro genuíno com o Supremo, uma pode ser melhor que as outras, mas todas são adequadas.

**b) Relativismo**, acredita que cada religião é verdadeira para quem acredita nela, não há verdade objetiva na religião, logo não há critérios para determinar qual a melhor.

**c) Inclusivismo**, afirma que uma religião é explicitamente verdadeira, e todas as outras são implicitamente verdadeiras.

**d) Exclusivismo**, apenas uma religião é verdadeira e as outras opostas a ela são falsas.

11- **Existencialismo**, enfatiza a vida acima do conhecimento, o desejo acima do pensamento, o concreto acima do abstrato, o amor acima da lei, o indivíduo acima da sociedade. No centro está

a crença que a existência tem precedência sobre a essência. Floresceu na metade do século XX como um pensamento ateu, mas que influenciou vários movimentos teológicos.

12-**Fideísmo**, afirma que assuntos de fé e crença religiosa não são apoiados pela razão. A religião é uma questão de fé e não pode ser arguida pela razão. Só é preciso crer.

13-**Materialismo**, afirma que tudo é matéria ou redutível a ela.

14-**Misticismo**, esse termo deriva da palavra grega “mustikos” e significa alguém iniciado nos mistérios. Foi usada em círculos cristãos como parte da teologia que acredita na comunhão direta da alma com Deus. No contexto panteísta, geralmente o indivíduo místico é alguém que busca por meio de contemplação e entrega ser absorvido pelo Supremo. Na filosofia, refere-se com frequência a alguém que acredita que o conhecimento intuitivo e imediato da realidade última é possível.

15-**Racionalismo**, enfatiza a razão para determinar a verdade, a mente recebe autoridade sobre os sentidos.

16-**Universalismo**, é a crença que todos serão salvos. Foi proposta pela primeira vez pelo pai da igreja Orígenes (185 – 254), foi condenado no Concílio Ecumênico de Constantinopla (553). Geralmente a base para o universalismo está ligada ao amor de Deus e a sua onipotência: Um Deus de amor não condenaria ninguém; e nada seria impossível ao Deus onipotente, até mesmo regenerar e salvar a todos.

## CAPÍTULO VIII - A DEFESA DA FÉ – OS APOLOGISTAS

Durante todo o século segundo, e boa parte do terceiro, não houve uma perseguição sistemática contra os cristãos. Ser cristão era ilícito; mas só eram castigados quando por alguma razão os cristãos eram levados diante dos tribunais. A perseguição e o martírio pendiam constantemente sobre os cristãos, se por alguma razão alguém queria destruir algum cristão, tudo o que tinha de fazer era leva-lo diante dos tribunais. Tal parece ter sido o caso de Justino, acusado por seu rival Crescente. Em outras ocasiões, como no martírio dos cristãos de Leão e Viena, era populaça que, instigada por toda classe de rumores acerca dos cristãos, exigia que fossem presos e castigados.

Em tais circunstâncias, os cristãos se viam na necessidade de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para dissipar os rumores e as falsas acusações que circulavam acerca de suas crenças e

de suas práticas. Se conseguissem que seus concidadãos tivessem um conceito mais elevado da fé cristã, ainda que não chegassem a convence-los, pelo menos conseguiriam diminuir a ameaça da perseguição. A esta tarefa se dedicaram alguns dos mais hábeis pensadores e escritores entre os cristãos, aos quais é dado o nome de “apologistas”, isto é, defensores. E alguns dos argumentos em prol da fé cristã que aqueles apologistas empregaram vêm sendo utilizados na defesa da fé através dos séculos.

### **As acusações contra os cristãos**

O que se dizia acerca dos cristãos pode ser classificado em duas categorias; os rumores populares e as críticas por parte da classe culta.

a. Os rumores populares se baseavam geralmente em algo que os pagãos ouviam dizer ou viam os cristãos fazer, e então o interpretavam erroneamente. Por exemplo, os cristãos se reuniam todas as semanas para celebrarem um refeição que frequentemente chamavam “festa do amor”. Essa refeição era celebrada em privativo, e somente eram admitidos os que haviam sido iniciados na fé, isto é, os batizados. Além disso, os cristãos se chamavam “irmãos” entre si, e não faltavam casos em que homens e mulheres diziam estar casados com seus “irmãos” e “irmãs”. Baseados nestes fatos, foram se tecendo rumores cada vez mais exagerados, e muitos chegaram a crer que os cristãos se reuni para celebrar um orgia em que se davam uniões incestuosas. Segundo os rumores, os cristãos comiam e bebiam até embriagarem-se, e então apagavam as luzes e davam corda às suas paixões. O resultado era que muitos se uniam sexualmente a seus parentes mais próximos.

Também baseado na comunhão surgiu outro rumor. Já que os cristãos falavam de comer a carne de Cristo, e já que também falavam do menino que havia nascido em um estábulo, alguns dos pagãos chegaram a crer que o que os cristãos faziam era esconder um menino recém-nascido dentro de um pão, e o colocarem diante de uma pessoa que desejava ser cristã. Os cristãos então ordenavam que cortasse o pão, e logo devoravam o corpo ainda palpitante do menino. O neófito, que se havia feito participante de tal crime, ficava assim comprometido a guardar o segredo.

Outra estranha opinião que alguns sustentavam, era que os cristãos adoravam a um asno crucificado. Há algum tempo antes, haviam dito que os judeus adoravam a um asno. Agora começaram a transferir essa opinião aos cristãos, a quem se fazia então objeto de burla.

Todas essas ideias - e muitas outras - que circulavam acerca dos cristãos eram todas luzes falsas, e para refuta-las os cristãos deviam apenas apontar para sua própria vida e conduta, cujos princípios eram muito mais restritos do que os dos pagãos.

**b.** Mas havia outras acusações que se faziam contra os cristãos, não pelo vulgo mal informado, mas por pessoas cultas, muitas das quais conheciam algo das doutrinas cristãs. Sob diversas formas, todas estas acusações podiam ser resumidas em uma: os cristãos eram pessoas ignorantes cujas doutrinas, pregadas sob um verniz de sabedoria, eram em realidade néscias e contraditórias. Em geral, esta era a atitude que adotavam os pagãos cultos e de boa posição social, para quem os cristãos eram uma gentilha desprezível.

Na época de Marco Aurélio, um autor erudito, do qual só sabemos que se chamava Celso, compôs contra os cristãos um tratado que chamou “a palavra verdadeira”. Ali Celso expressa o sentimento dos que, como ele, se consideravam sábios e refinados:

*Em algumas casas privadas encontramos com pessoas que trabalham com lã e com trapos, e como sapateiros, isto é, as pessoas mais incultas e ignorantes. Diante dos chefes de família, esta gente não se atreve a dizer uma só palavra. Mas assim que conseguem apartar-se com os meninos da casa, ou com algumas mulheres tão ignorantes como eles, começam a lhes dizer Maravilhas... Os que deveras queiram saber a verdade, que deixem seus mestres e seus pais, e que se juntem com as mulheres e os meninos às habitações das mulheres, ou à oficina do sapateiro, ou à selaria, e ali aprenderão a vida perfeita. É assim que estes cristãos encontram pessoas que lhes dão crédito (Orígenes, Contra Celso, 3.55).*

Pela mesma época, Cornélio Fronton, que havia sido mestre de Marco Aurélio, compôs outro ataque contra os cristãos que infelizmente se perdeu. Entretanto, é possível que o autor cristão Minúcio Félix esteja citando a obra de Fronton ao por nos lábios de um pagão as seguintes palavras:

*Se vos permanece um ápice de sabedoria ou de vergonha, deixai de investigar o que sucede nas regiões celestiais, e os destinos e segredos do mundo. Basta que olheis onde pondeis os pés, sobretudo as pessoas como vós, sem educação nem cultura, as pessoas rústicas e rudes (Otávio, 12).*

Em todo caso, as pessoas cultas atacavam o cristianismo dizendo acima de tudo que era uma religião de bárbaros. Boa parte dos que os cristãos ensinavam não havia sido descoberto pelos gregos nem pelos romanos, mas sim pelo inculto povo judeu, cujos supostos sábios nunca se elevaram à altura

dos filósofos gregos. E o pouco de bom que pode ser encontrado nas Escrituras dos Judeus deve-se provavelmente, a que fosse copiado dos gregos.

Além disso - seguem dizendo as pessoas como Celso, Fronton e outros - o Deus dos judeus e cristãos é um Deus ridículo. Por um lado dizem que é onipotente, e que é o ser supremo que se encontra acima de tudo. Mas por outro o descrevem como um ser curioso, que se imiscui com todos os assuntos humanos, que está em todas as casas vendo o que se diz e até o que se cozinha. Esse modo conceber a divindade é uma irracionalidade, Ou se trata de um ser onipotente, por cima de todos os outros seres e, portanto, apartado deste mundo, ou se trata de um ser curioso e intrometido, para quem as pequenezas humanas são interessantes.

Em todo caso, seja qual for este Deus dos cristãos, o fato é que seu culto destrói a própria fibra da sociedade, pois torna as pessoas que o seguem abstêmios de toda classe de atividades sociais, sob pretexto de que participar nelas seria adorar a deuses que não existem. Mas, se em verdade tais deuses não existem, para que temê-lo? Por que não participar de seu culto junto a pessoas sensatas, mesmo que a gente não creia neles? O fato parece ser que os cristãos, que dizem que os deuses pagãos são falsos, entretanto continuam temendo a esses deuses.

Quanto a Jesus, basta recordar que foi um malfeitor condenado pelas autoridades romanas. Celso chega até a dizer que era filho ilegítimo de Maria com um soldado romano. Se de fato era Deus ou Filho de Deus, porque permitiu que o crucificassem? Por que não fez que caíssem mortos seus inimigos? Porque não desapareceu quando iam cravá-lo no madeiro? E supondo que de fato Deus veio à terra em Jesus, pergunta Celso:

*De que pode servir tal visita de Deus à terra? Será talvez para averiguar o que se passa entre os seres humanos? Não sabe ele já de tudo? Ou será que sabe, mas não pode corrigi-lo se não vem ele pessoalmente fazê-lo? (Contra Celso, 4.2)*

Por último, estes cristãos andam pregando e crendo que hão de ressuscitar. Baseados nessa fé, é que enfrentam o martírio com uma obstinação quase incrível. Mas não é coisa de pessoa sensata deixar esta vida, que é coisa segura, por outra vida, supostamente superior que, no melhor dos casos, é coisa duvidosa.

E isso de ressurreição é o cúmulo das idiotices cristãs. Como ressuscitarão aqueles corpos destruídos por fogo, ou devorados por peixes ou pelas feras? Irá Deus por todo o mundo recolhendo e unindo os pedaços de cada corpo? Como se arranjará Deus, no caso daquelas porções de matéria

que pertenceram primeiro a um corpo, e depois a outro? Será que o primeiro dono adjudicará esse pedaço do seu corpo? Em tal caso ficará um buraco no corpo ressuscitado do dono posterior?

Como vemos, todas estas observações, comentários e perguntas se dirigiam ao cerne da fé cristã. Já não se tratava de rumores infundados acerca de orgias incestuosas, nem de práticas de canibalismo, mas se tratava, antes, de doutrinas do cristianismo. A tais burlas e ataques não se podia responder com uma mera negação. Era necessário, antes, oferecer argumentos sólidos que respondessem às objeções que se apresentavam.

Tal foi a obra dos apologistas.

## **Os Principais Apologistas**

A tarefa de defender a fé, diante desta classe de ataques, produziu algumas das mais notáveis obras teológicas do século segundo. E ainda no terceiro e quarto não faltou quem continuasse essa tradição. De nossa perspectiva, entretanto, os autores que nos interessam no momento são os que primeiro enfrentaram essa tarefa, isto é, os que escreveram durante o século segundo e os primeiros anos do terceiro.

Possivelmente uma das mais antigas apologias que chegaram a nossos dias é o “Discurso a Diogneto”, cujo autor anônimo - talvez Quadrato - parece ter vivido nos princípios do século segundo. Pouco depois, antes do ano 138, Aristides compôs outra apologia que parecia ter sido perdida, mas que foi descoberta em data recente. Mas o mais famoso dos apologistas foi Justino, o Mártir, a cujo martírio já nos referimos no capítulo anterior. Justino tinha seguido uma longa peregrinação espiritual, indo de doutrina em doutrina, até que se convenceu de que o cristianismo era a “verdadeira filosofia”. Dele se conservam três obras: duas apologias e o “Diálogo com Trifon”, que consiste em uma discussão com um rabino judeu. Um discípulo de Justino, Taciano, compôs outra apologia sob o título de “Discurso aos gregos”. Pela mesma época, Atenágoras escreveu uma “Defesa dos cristãos” e outro tratado “sobre a ressurreição dos mortos”. Por volta do ano 180, o bispo de Antioquia, Teófilo, escreveu “Três livros a Autólico”, que tratavam sobre a doutrina cristã de Deus, a interpretação das Escrituras, e a vida cristã, tratando de refutar as objeções dos pagãos sobre cada um destes pontos.

Todas as obras mencionadas no parágrafo anterior foram escritas em grego, e no século segundo. No século terceiro, o grande mestre alexandrino, Orígenes, escreveu uma refutação “Contra Celso”, que já citamos mais acima, e que foi também escrita em grego.

Na língua latina, os últimos anos do século segundo e os primeiros do terceiro nos deixaram dois escritos apologéticos, parecidos entre si, e sobre os quais os eruditos não concordam acerca de qual teria sido escrito primeiro: “Apologia” de Tertuliano e o “Otávio” de Minúncio Félix, que também já citamos mais acima.

Todas estas obras são importantes porque é quase exclusivamente através delas que conhecemos os rumores e críticas dos quais os cristãos eram objeto e também porque nelas vemos a igreja enfrentando pela primeira vez a tarefa de responder à cultura que a rodeia.

### **Fé Cristã e cultura pagã**

Os cristãos do segundo século eram acusados de ser gente bárbara e inculta, portanto eles se viram obrigados a discutir a questão das relações entre sua fé e a cultura pagã. Naturalmente, dentro da igreja todos concordavam em que tudo aquilo que se relacionasse com o culto dos deuses devia ser rejeitado. Por esta razão os cristãos não participavam de muitas cerimônias civis, nas quais se ofereciam sacrifícios e juramentos aos deuses. Também lhes era proibido serem soldados, em parte porque poderiam se ver obrigados a matar a alguém e em parte porque os soldados deviam fazer juramentos e oferecer sacrifícios a César e aos deuses. De igual modo, haviam muitos cristãos que pensavam que as letras clássicas não deviam ser estudadas, pois nelas se contava toda a sorte de superstição e até de imoralidade acerca dos deuses. Para ser cristão era necessário se comprometer ao culto único de Deus e de Jesus Cristo, e qualquer concessão em sentido contrário equivalia a renegar Jesus Cristo, que por sua vez renegaria o apóstata no dia do juízo.

Mas, se todos concordavam quanto à necessidade de se abster da idolatria, nem todos concordavam quanto à postura que devia ser adotada diante da cultura clássica pagã. Essa cultura incluía a obra e o pensamento e sábios tais como Platão, Aristóteles e os estóicos, cuja sabedoria tem recebido a admiração de muitos até nossos dias. Rejeita-la equivalia a rejeitar muito do melhor que o espírito humano havia produzido. Aceita-la poderia parecer como uma concessão ao paganismo e como o começo de uma nova idolatria. Diante desta alternativa, os cristãos dos séculos segundo e terceiro seguiram dois caminhos.

De um lado, alguns não viam senão uma oposição radical entre a fé cristã e a cultura pagã. Esta postura foi expressada nos princípios do século terceiro por Tertuliano, em uma frase que se fez famosa: “Que tem Atenas a ver com Jerusalém? Ou que tem a ver a Academia com a Igreja?” Tertuliano escreveu estas linhas porque, em seu tempo circulavam muitas tergiversações do cristianismo, e ele estava convencido de que estas heresias se deviam ao fato de que alguns haviam tratado de combinar a fé cristã com a filosofia pagã.

Mas ainda antes de que tais heresias constituíssem uma preocupação fundamental para os cristãos, já havia quem adotasse uma postura semelhante frente à cultura clássica. Talvez o melhor exemplo disso possa se ver no “Discurso aos gregos” composto por Taciano, o mais famoso discípulo de Justino. Esta obra é um ataque frontal contra tudo o que os gregos consideravam valioso e uma defesa dos “bárbaros”, isto é, dos cristãos.

Os gregos chamavam “bárbaros” a todos os que não falavam como eles, e portanto, o primeiro fato que Taciano lhes atira na cara é que eles mesmos não se puseram de acordo quanto a como se devia falar o grego, pois em cada região se falava de um modo diferente. Além disso, estas pessoas que pensam que sua língua é a suprema criação humana inventaram a retórica, que não é senão a arte de vender as palavras por ouro, oferecendo-lhes ao melhor licitador, mesmo que com isso se perca a liberdade de pensamento e se defenda a injustiça e a mentira.

Tudo o que há de valioso entre os gregos - prossegue Taciano - eles o tomaram dos bárbaros. Assim, por exemplo: a astronomia aprenderam dos babilônios, a geometria dos egípcios e a escrita dos fenícios. E o mesmo pode se dizer acerca da filosofia e da religião, pois os escritos de Moisés são muito mais antigos que os de Platão, e até mais antigos que os de Homero. Se Homero e Platão eram realmente pessoas cultas, segundo os próprios gregos dizem, era de se supor que conhecessem os escritos de Moisés. Portanto, qualquer coincidência entre a cultura supostamente grega e a religião dos “bárbaros” hebreus e cristãos deve-se a que os gregos aprenderam sua sabedoria dos bárbaros. Mas em todo caso, o certo é que os gregos, ao lerem a sabedoria dos “bárbaros”, não a entenderam, e portanto adulteraram a verdade que os hebreus conheciam. Portanto, a suposta sabedoria grega não é senão um pálido reflexo e uma caricatura da verdade que Moisés conheceu e que os cristãos agora pregam.

Se isto é certo com relação ao melhor da cultura pagã, podemos adivinhar o que Taciano dirá acerca dos deuses dos gregos. Acerca dos deuses, Homero e os demais poetas gregos contam coisas dignas de vergonha, pois entre eles se pratica a mentira, o adultério, o incesto e o infanticídio. Como

então podem nos pedir que honremos a tais deuses, se são, sob todas as formas, inferiores a nós? Por último, acrescenta Taciano, não esqueçamos que muitas das esculturas que os gregos adoram são na realidade estátuas de mulherzinhas e prostitutas a quem os escultores tomaram por modelos. Portanto, os mesmos gregos que criticam os cristãos por serem de baixa classe social, na realidade adoram pessoas dessa mesma classe.

Mas nem todos os cristãos adotavam essa postura totalmente negativa ante a cultura pagã. O exemplo mais claro de uma atitude muito mais positiva em relação a essa cultura nós encontraremos em Justino, o mestre de Taciano. Justino é, sem dúvida alguma, o mais distinto pensador cristão dos meados do século segundo. Antes de se tornar cristão, Justino tinha estudado as diversas filosofias que em sua época se ofereciam como sendo as mais acertadas, e havia chegado, por fim, à conclusão de que o cristianismo, era “a verdadeira filosofia”. Ao se converter ao cristianismo, Justino não deixou de ser filósofo, mas dedicou-se a fazer “filosofia cristã”, e boa parte dessa filosofia consistia em descobrir e explicar as relações entre o cristianismo e a sabedoria clássica. Portanto, Justino não nutria em relação a essa filosofia os mesmos sentimentos radicalmente negativos de seu discípulo Taciano. Isto não quer dizer, entretanto, que Justino tenha comprometido sua fé, ou que fosse um cristão de escassa convicção, pois quando chegou o momento de testificar de Cristo diante das autoridades imperiais o fez com toda firmeza, e portanto a posteridade o conhece com o honroso nome de “Justino, o Mártir”.

Justino vê vários pontos de contato entre o cristianismo e a filosofia pagã. Os melhores filósofos, por exemplo, falaram de um ser supremo que se encontra acima de todos os demais seres, e do qual todos descrevem sua existência. Sócrates e Platão sabiam que existe a vida além da morte física. Platão também sabia que este mundo não esgota toda a realidade, mas que há outro mundo de realidades eternas. Em tudo isto, os filósofos tinham razão. Justino não está completamente de acordo com eles, pois ele sabe, por exemplo, que o centro da esperança cristã não é a imortalidade da alma, mas a ressurreição do corpo. Mas apesar desta e outras diferenças, há nos filósofos traços da verdade que não é possível explicar com uma mera coincidência.

Como explicar então esse acordo parcial entre os filósofos e a fé cristã? Justino o explica recorrendo à doutrina do “logos”. O termo grego “logos” quer dizer tanto “palavra” como “razão”. Segundo os filósofos gregos, tudo o que nossa mente consegue compreender o faz porquê de algum modo participa do “logos” ou razão universal. Por exemplo, se podemos compreender que dois e dois são quatro, isto se deve ao fato de que tanto em nossa mente como no universo existe um

“logos”, uma razão ou ordem, segundo o qual dois e dois são quatro. Ora, o que os cristãos creem é que em Jesus Cristo esse logos - e esta é a palavra que aparece no prólogo do Quarto Evangelho - se fez carne. O que João 1.14 nos diz é que a razão fundamental do universo, o verbo ou palavra (logos) de Deus, se fez carne em Jesus Cristo.

Agora vejamos, o próprio Evangelho de João nos diz que este mesmo verbo ou logos é a luz que ilumina a todo aquele que vem a este mundo. Isto quer dizer que ele é a fonte de todo conhecimento verdadeiro, mesmo antes de sua encarnação. Já Paulo havia dito (I Co 10.1-4) que os antigos hebreus não tinham crido em outro senão em Cristo, pois de um modo misterioso Cristo lhes fora revelado ainda antes de sua encarnação. Agora Justino acrescenta que entre os pagãos também houve pessoas que conheceram o mesmo verbo ou logos, aos menos em parte. O que há de certo nos escritos Platão, deve-se a que o verbo de Deus - o mesmo verbo que se encarnou em Jesus Cristo - se deu a conhecer. Portanto, em certo sentido, Sócrates, Platão e os demais sábios da antiguidade “eram cristãos”, pois sua sabedoria lhes vinha de Cristo, ainda que só conhecessem o verbo parcialmente, enquanto nós, os cristãos, o conhecemos agora tal qual ele é, em virtude de sua encarnação e sua vida entre nós.

Deste modo, Justino abriu o caminho para que o cristianismo pudesse reclamar tudo quanto de bom pudesse encontrar na cultura clássica, apesar de ser uma cultura pagã. Seguindo sua inspiração, logo houve outros cristãos que se dedicaram a construir pontes entre sua fé e a cultura da antiguidade.

## **Os argumentos dos apologistas**

Na seção anterior mostramos alguns dos argumentos que os apologistas empregaram para enfrentarem a questão das relações entre sua fé e a cultura que os rodeava. Agora, ainda que sumariamente, devemos resumir alguns dos elementos como os quais tentaram responder às principais críticas que se faziam às doutrinas do cristianismo.

À acusação de serem ateus, os cristãos respondiam dizendo que, se eles eram ateus, também o haviam sido alguns dos mais famosos filósofos e poetas gregos. Para fundamentar este argumento não tinham senão que recorrer a algumas das obras da literatura grega, em que se dizia que os deuses eram invenção humana, que seus vícios eram piores que os que se praticavam na sociedade humana, e outras coisas desse estilo. Aristides sugere que a razão pela qual os gregos inventaram

tais deuses foi para que eles mesmos pudessem dar vazão aos seus mais baixos apetites, tendo aos deuses por exemplo. Taciano diz que toda criação foi feita por Deus, por amor a nós e que, portanto, é um erro adorar a uma parte qualquer dessa criação. E no mesmo sentido Atenágoras diz; “eu não adoro a um instrumento, mas aquele que produz a música”. Além disso, vários dos apologistas atiram aos rostos dos pagãos que seus deuses são feitura de mãos, e há até alguns que têm necessidade de guardas, para protegê-los de quem, de outro modo, tentaria rouba-los. Que classe de deuses é esta que necessita proteção humana? Que poderes teriam para cuidar de nós?

E quanto à ressurreição, os apologistas respondem apelando à onipotência divina, Com efeito, se cremos que Deus fez todos os corpos do nada, porque não haveríamos de crer que possa reconstruí-los novamente, mesmo depois de mortos e decompostos?

À acusações de imoralidade, os apologistas respondem a um tempo com uma negativa rotunda e com uma acusação contra o paganismo. Como pensar que em nosso culto se dão orgias e uniões ilícitas, quando nossos princípios de conduta são tais que até mesmo os maus pensamentos devem ser descartados? São os pagãos que, baseados no que eles mesmos contam de seus deuses, e até às vezes sob pretexto de adorá-los, cometem as mais baixas imoralidades. E, como pensar que comemos meninos, nós, a quem todo homicídio nos está proibido? São os senhores, os pagãos, os que costumam deixar os filhos indesejados expostos aos elementos, para que ali pereçam de fome e de frio. Por último, acusavam aos cristãos de serem pessoas subversivas, que se negavam a adorar o imperador e que portanto destruíam o próprio vínculo da sociedade. A tal acusação, os apologistas respondem dizendo que, com efeito, se negam a adorar o imperador ou qualquer outra criatura mas que, apesar disto, são súditos leais do Império. O que o imperador necessita não é ser adorado, mas ser servido, e quem melhor o serve são aqueles que rogam ao único Deus verdadeiro pelo bem-estar do império e de César. Em conclusão, mesmo quando se negam em adora-lo, os cristãos são os melhores súditos com quem o imperador pode contar, pois constantemente apresentam as necessidades do império ante o trono celestial, e por isso são, como diz o Discurso a Diogneto, “a alma do mundo”.

Em resumo, os apologistas dão testemunho da tensão em que vivem os cristãos dos primeiros séculos. Ao mesmo tempo que rejeitam o paganismo, têm de enfrentar o fato de que esse paganismo produziu uma cultura valiosa. Ao mesmo tempo que aceitam a verdade que encontram nos filósofos, insistem na superioridade da revelação cristã. Ao mesmo tempo que se negam a adorar ao imperador, e esse mesmo imperador os persegue, continuam orando por ele e admirando a

grandeza do império Romano. As seguintes linhas do “Discurso a Diogneto” descrevem admiravelmente essa tensão:

*Os cristãos não se diferenciam dos demais por sua nacionalidade, por sua linguagem nem por seus costumes...Vivem em seus próprios lugares, mas como transeuntes, peregrinos. Cumprem todos os seus deveres de cidadãos, mas sofrem como estrangeiros. Onde quer que estejam encontram sua pátria, mas sua pátria não está em nenhum lugar...Se encontram na carne, mas não vivem segundo a carne. Vivem na terra, mas são cidadãos dos céus. Obedecem todas as leis, mas vivem acima daquilo que as leis requerem. Amam a todos, mas todos os perseguem (Discurso a Diogneto, 5.1-11).*

## CAPÍTULO IX - PRINCIPAIS GRUPOS HERÉTICOS

### 1. Introdução

**Heresia** - A heresia é a defesa sistemática de tese ou doutrina errônea em face da doutrina dogmática da Igreja. A defesa, portanto, de doutrina contrária aos dogmas da Igreja, ou seja, verdades imutáveis, eternas, de crença obrigatória para todos os fiéis. Implicando, conseqüentemente, em excomunhão automática reservada à Sé Apostólica.

**Apostasia** - A apostasia é o abandono público e completo da fé cristã; o fiel, no caso, não preserva nenhum traço da antiga fé. Trata-se de posição diferente da posição de herege, porque, no caso da heresia, nem todas as demais verdades de fé da Igreja, são, necessariamente, negadas, ao se afirmar uma tese considerada herética.

**Cisma** - O cisma é a insubmissão temporária ou permanente ao poder e à autoridade do Romano Pontífice. Pode ser causado por divergências teológicas ou administrativas. Há cismas que decorrem do não reconhecimento de qualquer poder papal ou da negação da existência de um poder episcopal de procedência divina.

**Blasfêmia** - Palavra ofensiva à divindade ou à religião, sinônimo de heresia ou de um tipo de heresia.

**Sacrilégio** - Pecado contra a religião que consiste na violação de pessoa, lugar ou objeto consagrados ao culto divino. Em ambos os casos, configura-se ato pecaminoso, quando a ação é adotada livre e conscientemente pelo indivíduo.

Do Séc. I até o Séc. VII / A crença cristã surgindo de razões urgentes e práticas. Toda formulação de crença teve uma razão de ser / Os livros do Novo Testamento já existiam, mas não oficialmente sancionados. O A.T. como fonte de autoridade é aceito por todos / Igreja era o novo Israel de Deus / De onde a igreja tirava os seus ensinamentos e como ela julgava a validade deles?

## **2. Heresias e erros teológicos**

Heresias antenicanas – Ebionismo (heresia legalista), Montanismo, Novacionismo, Donatismo (erro teológico), Maniqueísmo, Gnosticismo, Marcião e o neoplatonismo (heresias filosóficas) / Heresias Trinitárias - Arianismo, Monarquianismo, semi-arianismo / Heresias Cristológicas – Apolinarismo, Nestorianismo, Eutiquianismo, Monofisismo, Monotelismo, docetismo.

### **a. Heresias antenicanas**

#### **Ebionismo – 70-135**

Oponentes judaizantes – Fariseus. Eram um grupo muito forte na Palestina / Classificação: heresias legalistas / Ebionitas significa “pobres” Mt 5.3; Lc 4.18; 7.22 / Provavelmente o grupo que não gostou do resultado do concílio de Jerusalém / Muito ligados à idéia de Cerinto: manter o monoteísmo do Antigo Testamento / Para os ebionitas, a lei judaica era a maior expressão da vontade de Deus, válida para o homem = Jesus foi adotado e se tornou o Messias, porque cumpriu fielmente e completamente a lei / Jerusalém era venerada / A lei é a autoridade = Para os Gentios Cristãos e Judeus Cristãos o cristianismo é uma continuação das prescrições e práticas da Lei / Não havia salvação fora da circuncisão e da lei de Moisés = complemento da fé em Cristo / Seguem os ensinamentos de Mateus e rejeitam a soteriologia de Paulo / Estilo de vida: vegetarianos / ascéticos / pobreza como modo de vida / escreveram um evangelho Ebionita = prática, ensinamentos e vida = substituiu o Novo Testamento.

### **Montanismo – 150,155,172**

Origem claramente cristã / Surgiu na Frígia, Ásia Menor / Líder: Montano converteu ao cristianismo, depois de ser batizado (156) entrou em êxtase, e começou a falar em línguas = a maioria das pessoas não sabia o que estava acontecendo e apenas duas mulheres souberam e também caíram em êxtase, abandonaram seus maridos e seguiram o novo profeta / Prisca e Maximila e Montano – trio piedoso / Estilo de vida: Ascetismo / Legalismo / Jejum rigoroso / Casamento proibido quando o cônjuge morre / Carne e vinho: proibido / Prescrições quanto ao vestuário / Mulheres tinham que usar véu / Matrimônio desaconselhado / Preocupação com o prazer sexual = escraviza o homem e a mulher.

### **Maniqueísmo - 215-277**

Fundador: Mani ou Maniqueu / Sentiu-se chamado por um anjo para pregar uma nova religião / Considerava ser o último de uma longa sucessão de profetas: começando com Adão, buda e Jesus / Revelação final de Deus / Movimento religioso de salvação / Dualismo radical: luz e trevas (Pai das luzes / Príncipe das trevas) / Pensamento gnóstico. Estilo de vida: ascetismo rigoroso / instinto sexual = um mal / estado civil de solteiro é enfatizado / orações diárias e refeições / jejuns / pecado levado muito a sério / Agostinho – 12 anos no maniqueísmo.

### **Novacianismo - 250**

Fundador: Novaciano / Igreja deve ser pura / Não há perdão de pecados após o batismo.

### **Donatismo Séc. IV**

Donato = bispo de Cartago / Movimento de separação / Como deveriam ser tratados aqueles que durante a perseguição, não haviam sido suficientemente perseverantes? / Igreja: separada do mundo. Fora do âmbito da igreja não há salvação / Ceia ultra-restrita = só para os donatistas.

### **Gnosticismo**

“Gnosis” – conhecimento / Cerinto – talvez um dos primeiros mestres gnósticos / Não existe uma organização unificada, todos acreditam possuir um conhecimento ou sabedoria espiritual / Este cosmo é incurável e deve ser rejeitado. Problema com a matéria / Criam em um só Deus, completamente transcendente, espiritual e há muito afastado do universo caído e material, o qual

não criou. Demiurgo / Os seres humanos são centelhas ou gotículas da mesma substância espiritual da qual Deus é feito e foram de alguma forma aprisionados em corpos físicos, que são como túmulos do quais se deve escapar / A salvação é escapar da escravidão à existência material / Todos rejeitam a ideia de Deus encarnar, morrer, ressuscitar fisicamente / Sempre que as pessoas depreciam a existência material e física em nome da “espiritualidade” ou, pela mesma razão, elevam a alma ou espírito humano à condição de divindade, a heresia do gnosticismo volta a invadir a mensagem apostólica e a contaminar o cristianismo.

Docetismo (dokeo – parecer) – todos são gnósticos.

### **Marcião – 81-160**

Era um gnóstico, filho de bispo / Doutrina dos dois deuses: Javé (Demiurgo = deus do mal Justiceiro, vingativo e impiedoso) e Pai de Jesus Cristo (deus dos evangelhos amoroso, perdoador, e bondoso) / Ensinos: Docético / negou o Antigo Testamento / chamou o Deus do Antigo Testamento de indecente / Jesus não nasceu de Maria, mas apareceu repentinamente, como um homem maduro / Não haverá julgamento nenhum no final, já que Deus é absolutamente amoroso / organizou sua própria igreja e organizou o seu próprio cânon – com livros que ele considerava ser as escrituras cristãs. (Lucas, epístolas de Paulo) / negava a criação, encarnação e ressurreição final.

### **b. Heresias trinitárias**

Questões envolvidas: relação do filho com o Pai: Pode Cristo salvar se não é Deus?

### **Arianismo**

Ário – 256-336 / Deus é imutável, ímpar, incognoscível e único. Transcendência total / Nenhuma substância de Deus poderia ser comunicada a qualquer outro ser / A salvação significava seguir espontaneamente o exemplo de Cristo de submissão a Deus – conformidade com os padrões morais de Deus / Negam a divindade de Jesus / Cristo não era Deus Filho, esse título foi usado como honra.

### **c. Heresias cristológicas**

Questão envolvida: Já que Jesus é Deus, como então se relacionam entre si sua divindade e humanidade?

### **Apolinarismo 310-390**

Cristo não tinha espírito humano. Seu espírito foi substituído pelo Logos / Jesus possuía um corpo humano e uma mente divina. / Cristo não recebeu sua natureza humana, sua carne, da Virgem Maria: trouxe consigo do céu uma espécie de carne celestial. / Cristo possui uma natureza: a natureza divina / Negava a combinação de elementos divinos e humanos em Cristo.

### **Nestorianismo**

Doutrina de dois Cristos / União meramente mecânica de Cristo e não orgânica / Em Jesus temos duas naturezas e duas pessoas / O que nasceu de Maria foi a pessoa e a natureza humana / Maria é Christotokos (mãe de Cristo) e não Theotokos (mãe de Deus) / Negava a divindade de Cristo

### **Eutiquianismo**

Cristo depois de se tornar homem, tinha apenas uma natureza. Sua humanidade não era da mesma essência que a nossa / Negava as duas naturezas em Jesus / A humanidade de Jesus foi absorvida pelo Logos

### **Monofisismo**

Cristo tinha uma única natureza (divina) revestida de carne

Monotelismo

Uma só vontade, a vontade divina não havia vontade humana em Jesus

### **Condenação**

Contra as heresias antenicanas = apologistas e polemistas / Contra os erros teológicos trinitários = as controvérsias trinitárias = arianismo e o monarquianismo = resposta da igreja (credo, concílio de Nicéia 325, Constantinopla 381) / Contra os erros teológicos cristológicos = as controvérsias cristológicas = apolinarismo, nestorianismo e eutiquianismo = Constantinopla 381, concílio de Éfeso 431, concílio de Calcedônia 451.

## **CAPÍTULO X – ARGUMENTOS TRADICIONAIS DA EXISTÊNCIA DE DEUS**

As provas tradicionais da existência de Deus, arquitetadas por filósofos cristãos e alguns não cristãos de várias épocas da história, são de fato tentativas de analisar as evidências, especialmente

as evidências da natureza, de modos extremamente cuidadosos e logicamente precisos, a fim de convencer as pessoas de que não é racional rejeitar a ideia de que Deus existe. Se é verdade que o pecado faz as pessoas pensar irracionalmente, então essas provas são tentativas de fazer as pessoas ponderar racionalmente ou corretamente as evidências da existência de Deus, apesar das tendências irracionais suscitadas pelo pecado.

A maior parte das provas tradicionais da existência de deus pode ser classificada em quatro tipos importantes de argumento:

### **1. O Argumento Ontológico**

Parte da ideia de Deus, definido como um ser “maior do que qualquer coisa que se possa imaginar”. Depois arrazoá que a característica da existência deve pertencer a tal ser, pois maior é existir que não existir.

- Esse argumento tenta provar a existência de Deus unicamente através da abstração racional. Ele é completamente "a priori" - não demanda nenhuma evidência.
- Foi proposto originalmente pôs Anselmo - Arcebispo de Cantuária<sup>4</sup> (1033-1109 DC)
- Este está aqui só para informação, pois sua aplicação pode ser inviável.
- Ele é tão difícil de entender que dá vontade de desistir de usar antes de começar atentar!
- O argumento começa propondo um "conceito" de Deus e procura demonstrar que Deus existe na base do conceito apenas.

A versão de Anselmo:

- É superior para algo existir na mente e na realidade do que somente na mente.
- "Deus" significa aquele em que nada superior pode ser concebido.
- Suponha que "Deus" existe apenas na mente e não na realidade.
- Então um "Deus superior" poderia ser concebido
- Aquele que tem todas as qualidades do "Deus" que só existe na mente mais a qualidade da existência real.
- Mas isso é impossível, pois o conceito de "Deus" define que nada maior que ele pode ser concebido

- Portanto, Deus existe na mente e na realidade.
- Versão melhorada (ou piorada!)
- O conceito "Deus" segundo essa versão: parte do que queremos dizer quando falamos sobre Deus é "um ser perfeito"
- Existir é melhor que não existir
- Falar de Deus como um ser perfeito implica que Ele existe.
- Se a perfeição de Deus é uma parte do conceito de "Deus" e se a perfeição de Deus assume a existência de Deus, então a existência de Deus está implicada no conceito de Deus.
- Quando nós falamos de "Deus" tão somente podemos falar de um ser que existe.
- Falar que Deus não existe, é contradizer-se. É literalmente falar sem sentido.
- "O Ser perfeito (deve existir, pois se não existisse não seria perfeito), não existe".
- O argumento (em ambas versões) parece um truque de linguagem, mas é muito difícil (se possível) apontar alguma falha.

## 2 O Argumento Moral

Parte do senso humano do certo e do errado, e da necessidade da imposição da justiça, e raciocina que deve necessariamente existir um Deus que seja a fonte do certo e do errado e que vá algum dia impor a justiça a todas as pessoas.

- Esse argumento baseia-se na observação de que aparentemente todos os seres humanos de qualquer tribo ou nação, quando se aproximam da puberdade desenvolvem um sentido do certo e do errado que antes não possuíam.
- Esse argumento ganhou mais reconhecimento depois que o filósofo Emanuel Kant postulou suas conclusões sobre o argumento.
- Segundo Kant (muito resumidamente), a justiça demanda a existência de um Deus que distribuirá felicidade àqueles que nessa vida sofrem infortúnios.
- Para Kant, "Deus" não era pessoal (não tinha nada a ver com o Deus do cristianismo), mas uma força que "equalizaria" a justiça, como fruto da responsabilidade moral do livre-arbítrio que as pessoas possuem para fazer o bem e o mal.

- A similaridade desse senso moral entre seres humanos de origens tão diversas, supõe que o mesmo seja originado de uma “força superior”.
- A menos que exista um Deus moral que irá cobrar um comportamento alinhado com o certo e errado segundo Ele tem determinado, ao qual todos prestarão contas, a existência dessa consciência moral no homem não faz sentido.
- É o mesmo que dizer que a existência do olho demanda a existência de luz. Se não houver luz, o olho não faz sentido.
- **O argumento moral tem 2 outras formas:**
- **O argumento moral formal**
- Moralidade é prescritiva e autoritarista (delegada por quem tem autoridade)
- Como é superior a qualquer instituição humana, deve ter sido prescrito sobrenaturalmente.
- 
- **O argumento moral perfeccionista.**
- **Existem 3 verdades aparente quanto a moralidade:**
- Nosso comportamento deveria ser moralmente perfeito segundo nós definimos a moral
- Se devemos significa que podemos
- Ninguém consegue ser moralmente perfeito
- A contradição se resolve se o padrão está acima de nós (Deus).
- Esse argumento sustenta filosoficamente o que a Bíblia afirma, por exemplo, em:
 

*Rm 2:14 Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. 15 Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se,16 no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho.*

### 3. O Argumento Cosmológico

Considera o fato de que toda coisa conhecida do universo tem uma causa. Portanto, arrazoando o argumento, o próprio universo deve também necessariamente ter uma causa, e a causa de um universo tão grandioso só pode ser Deus.

- Aristóteles foi o primeiro a postular a ideia da primeira causa que não foi originada.
- Seu conceito não era de um Deus pessoal, mas de uma causa original.
- A ideia nasceu pela observação das coisas comuns, e constatando que em todos os acontecimentos comuns há uma cadeia de causa e efeito.
- Ele também raciocinou que não pode haver uma cadeia ilimitada de causas que se remontem na história até o infinito.
- Portanto, deve haver uma primeira causa, não causada.
- Se o raciocínio de Aristóteles está correto, então não há razões para que essa primeira causa não possa ser identificada com o Deus criador descrito em Gênesis, e pai do Senhor Jesus.
- A ideia de uma primeira causa, até anos atrás, não podia ser nem comprovada nem negada (era um argumento puramente filosófico), então cada indivíduo poderia escolher entre aceitar ou rejeitar essa tese.
- Os evolucionistas naturalistas optam por defender a tese de um universo eterno.
- Porém, os conhecimentos científicos atuais, estabelecem conclusivamente que o universo nem sempre existiu.
- Ele teve um princípio, no qual começou a irradiar ou emanar energia. O processo continua em ação constante desde então.
- A segunda lei da termodinâmica, postula que a entropia do universo sempre aumenta.
- Em pouquíssimas palavras, a entropia mede a quantidade de energia que se torna indisponível em um sistema (Ex: um bloco de pedra sendo empurrado em uma superfície com atrito – a energia cinética se dissipa irreversivelmente em energia térmica, não aproveitável).
- Entropia também está associada ao estado de ordem de um sistema. Maior desordem = maior entropia e vice e versa.
- Se a entropia de um sistema diminui, necessariamente a entropia em um sistema vizinho aumenta mais (ex. para o congelador produzir gelo, que tem menor entropia que a água (as moléculas estão mais organizadas), a geladeira dissipa o calor do motor – torna toda essa energia indisponível. O sistema forma de gelo + congelador teve a entropia total aumentada).
- Fazendo uma analogia, o universo é um excelente radiador, mas um péssimo motor.

- Se a entropia do universo sempre aumenta, raciocinando-se na direção contrária, chegaremos a um ponto em que a entropia era 0 (não havia desordem e toda a energia era disponível).
- Albert Einstein em sua teoria da relatividade propôs o seguinte (muito resumidamente):
- Tudo no universo está simultaneamente se expandindo e desacelerando
- O único fenômeno físico que satisfaz essa condição é uma explosão
- Se o universo é, em última análise, uma explosão, então em algum lugar do passado essa explosão necessariamente ocorreu (a física moderna chama de "Big Bang")
- Einstein Inicialmente, na sua própria maneira de ver o mundo, não adotou essa conclusão.
- Ele propôs alternativamente uma outra teoria que um novo tipo de força na física, que induzida pela gravidade, anularia a expansão e desaceleração.
- Porém, outro cientista, Edwin Hubble, logo provou que as galáxias estão se expandindo para longe umas das outras, como propôs a formulação original da teoria da relatividade de Einstein.
- Confrontado com essa nova descoberta Einstein, relutantemente, deu sua aceitação à “necessidade de um começo” e “presença de um poder racional superior”.
- Posteriormente, em 1968-1970, 3 astrofísicos britânicos, Stephen Hawking, George Ellis, e Roger Penrose, ampliaram as descobertas de Einstein:
- Eles estenderam a solução original das equações da teoria da relatividade, e inseriram nelas espaço e tempo.
- Eles demonstraram que se essas equações são válidas para o universo, então o tempo e o espaço também tiveram uma origem, coincidente com a origem da matéria e da energia.
- Até a década de 80, a teoria da relatividade não havia se firmado conclusivamente através de observações.
- Porém, na década de 80, 3 linhas independentes de pesquisa removeram qualquer dúvida:
- Luminosidade colorida de alguns tipos de agrupamentos globulares de estrelas.
- Nucleocronologia de núclídeos de supernovas.
- Medição de tempo da expansão do universo.
- Essas 3 pesquisas dataram consistentemente o universo como tendo 16 +-3 bilhões de anos.
- Portanto, com a constatação do início do tempo e do universo, as infundáveis tentativas de salvar uma ciência agnóstica, deveriam cessar!

- Assim sendo, torna-se insustentável que a ideia de uma primeira causa não é necessária.
- Esse argumento sustenta filosoficamente o que a Bíblia afirma, por exemplo, em:

*Gn 1:1 **No princípio**, criou Deus os céus e a terra.*

*Cl 1:16 pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.17 **Ele é antes** de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.*

*Hb 1:10 Ainda: No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos; 11 eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste;*

*Hb 11:3 Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem.*

#### 4. O Argumento Teleológico

É na verdade uma subcategoria do argumento cosmológico. Concentra-se na evidência da harmonia, da ordem e do planejamento no universo, e argumenta que esse planejamento dá provas de um propósito inteligente (a palavra grega telos significa “fim”, “meta” ou “propósito”). Como o universo parece ter sido planejado com um propósito, deve necessariamente existir um Deus inteligente e determinado que criou para funcionar assim.

- Esse argumento filosófico é considerado o mais forte de todos.
- Ele afirma que a existência e conservação do universo tem um propósito ou desígnio superior (teleologia).
- William Paley ilustrou que a existência de um relógio pressupõe a existência de um relojoeiro.
- A complexidade do mecanismo pré-supõe uma mente inteligente construindo e juntando as peças com um propósito.
- Como a casualidade, no caso de um mecanismo, é totalmente contrária à lógica e portanto à razão, ela (casualidade) também é contrária à lógica e à razão no caso da vida.
- O organismo mais simples é infinitamente mais complexo do que o mecanismo mais complexo que o homem possa construir.

- Ventos e raios podem cortar e até empilhar algumas árvores na floresta ao acaso. Porém eles jamais farão uma cabana (propósito – teleologia).
- Se o acaso jamais formou mecanismos simples, como poderia ter formado organismos complexos?
- Reconhecer a existência de um projetista à vida e ao universo, não é somente mais lógico, mas é uma tese que se entrosa melhor com os fatos empiricamente observados.
- O universo mostra um alto grau de organização com suas partes integradas e dependentes umas das outras.
- Para raciocinarmos em relação à força ou possibilidades do acaso tomemos o seguinte exemplo:
- Alguém jogue de um avião uma caixa cheia de milhares de letras do alfabeto.
- Alguém no chão, após as mesmas caírem, nota que 3 letras caíram perto e formaram a palavra CÉU. Ninguém será chamado de louco se atribuir o fenômeno ao acaso.
- Porém se centenas de frases com sentido contendo mensagens claras e lógicas fossem achadas. Ninguém, na plenitude de suas capacidades mentais, ousaria dizer que foi obra do acaso.
- Nos últimos anos, várias pesquisas científicas têm evidenciado que dezenas de “coincidências” combinadas tiveram que acontecer, demonstrando que um planejamento prévio conduzido de forma inteligente é necessário para explicar essas evidências.
- **Os 2 grupos de evidências a seguir foram catalogados por Hugh Ross, Ph.D (*The Creator and the Cosmos, 3rd edition* by Hugh Ross (Colorado Springs, CO: NavPress, 2001))**

**Grupo 1 de evidências que o universo foi ajustado precisamente:**

- 1 - A constante de acoplamento gravitacional (relação entre força eletromagnética constante e campo gravitacional constante):
- Se ela fosse ligeiramente maior, todas as estrelas do universo seriam maiores que o nosso sol, no mínimo 1,4 vez.
  - Essas estrelas são importantes pois dispersam elementos químicos fundamentais na formação de planetas. No entanto, elas queimam muito rápido e desordenadamente de forma a impossibilitar a criação de condições de suporte à vida nos planetas ao redor.

- Se ela fosse ligeiramente menor, todas as estrelas do universo seriam menores eu o sol, em pelo menos 0,8 vez.
- Embora essas estrelas queimem vagarosa e ordenadamente, de forma a criar condições de suporte a vida em planetas, elas não produziram os elementos químicos necessários para formar os planetas.

#### 2 – Força nuclear intensa:

- Se maior – não haveria hidrogênio (elemento fundamental à vida).
- Se menor – só haveria hidrogênio

#### 3 – Força nuclear fraca:

- Se maior – no big-bang muito hidrogênio teria sido convertido em hélio – as estrelas teriam produzido muitos elementos pesados, mas não haveria expulsão dos elementos pesados das estrelas – não se formariam planetas.
- Se menor – pouco hidrogênio teria sido convertido em hélio – pouca produção de elementos pesados – não se formariam planetas.

#### 4 – Força gravitacional constante

- Se maior – estrelas seriam muito quentes e queimariam muito rapidamente e de forma instável
- Se menor – estrelas seriam muito frias – não haveria fusão nuclear – não se produziram elementos pesados – não haveriam planetas

#### 5 – Força eletromagnética constante –

- Se maior – insuficientes ligações químicas -
- Se menor – idem

#### 6 – Relação de massa entre elétron e próton

- Se maior – insuficientes ligações químicas
- Se menor – idem

#### 7 – Relação entre número de prótons e número de elétrons:

- Se maior – Eletromagnetismo dominaria sobre gravidade – não haveriam estrelas nem planetas
- Se menor – idem

#### 8 – Taxa de expansão do universo -

- Se maior – não haveria formação de galáxias

- Se menor – colapso do universo antes da formação das galáxias
- 9 – Nível de entropia do universo
- Se maior – não haveria condensação de estrelas nas proto-galáxias
  - Se menor – não haveriam as proto-galáxias
- 10 – Densidade da massa do universo
- Se maior – muito deutério no big-bang – estrelas queimariam muito rapidamente
  - E menor – insuficiente hélio no big-bang – poucos elementos pesados – não haveriam planetas
- 11- Velocidade da luz
- Se maior – Estrelas seriam muito luminosas
  - Se menor - Estrelas não teriam luminosidade suficiente
- 12 - Idade do universo
- Se maior – não haveriam mais estrelas do tipo do sol – com queima estável
  - Se menor – ainda não haveriam estrelas do tipo do sol
- 13 – uniformidade inicial da radiação
- Se mais suave – não haveriam estrelas
  - Se mais intensa – o universo seria composto somente de buracos negros e espaço vazio
- 14 – distância média entre galáxias
- Se maior - insuficiente gás teria sido infundido na nossa galáxia, para sustentar a formação das estrelas
  - Se menor – haveria um grande distúrbio na órbita ao redor do sol
- 15 – Tipo de “cluster” da nossa galáxia
- Se muito rico: Colisões e uniões degradariam a orbita do sol
  - Se muito espaçado: insuficiente infusão de gases para sustentar a formação de estrelas por tempo suficiente de brilho
- 16 – Distância média entre estrelas
- Se maior: densidade de elementos pesados insuficiente para formação de planetas rochosos
  - Se menor: órbitas planetárias se desestabilizariam
- 17 – constante de estrutura fina (um número usado para descrever a divisão

- Estrutural fina de linhas espectrais – uma característica da matéria)
- Se maior: não haveriam estrelas maiores que 0,7 da massa solar
- Se menor: haveriam estrelas menores que 1,8 vezes a massa do sol
- Se maior que 0.06: matéria seria instável em campos magnéticos intensos

**Grupo 2 de evidências que o sistema sol – terra – lua foi ajustado precisamente:**

1 - Tipo de galáxia:

- Se muito elíptica: Formação de estrelas teria cessado antes da formação de uma quantidade suficiente de elementos pesados.
- Se muito irregular: exposição à radiação na ocasião da formação do sol teria sido muito severa e os elementos químicos necessários à vida não estariam disponíveis.

2 - Distância do Sol do centro da galáxia

- Se mais distante: quantidade de elementos pesados para formação de planetas rochosos seria insuficiente.
- Se mais próximo: radiação seria muito grande e corromperia a órbita dos planetas

3 - Idade do sol

- Se mais velho: luminosidade instável
- Se mais novo: Idem.

4 - Metalicidade do sol

- Se muito pequena: insuficientes elementos pesados para reações químicas necessárias à vida
- Se muito grande: radioatividade muito intensa para a vida – formas de vida envenenadas pela radiação do sol

5 - Cor do sol

- Se mais vermelho: fotossíntese seria impossível
- Se mais azul: idem

6 - Gravidade da terra

- Se maior: Atmosfera teria retido muita amônia e metano – vida impossível
- Se menor: Atmosfera teria perdido a água

7 - Distância da Terra ao sol

- Se maior: Planeta seria muito frio para sustentar um ciclo estável da água

- Se menor: Planeta seria muito quente para um ciclo estável da água

#### 8 - Inclinação da órbita

- Se maior: diferenças de temperatura no planeta seriam muito extremas

#### 9 - Período de rotação

- Se maior: Diferenças de temperatura diurnas seriam muito grandes
- Se menor: Velocidade dos ventos seria muito grande.

#### 10 - Quantidade de oxigênio na atmosfera:

- Se maior: plantas e hidrocarbonetos queimariam muito mais facilmente
- Se menor: Insuficiente para formas de vida mais avançadas respirarem

#### 11 - Distância de Júpiter

- Se maior: Muitas colisões com asteróides e cometas ocorreriam na Terra (Júpiter nos protege atraindo para si esses corpos celestes)
- Se menor: Órbita da Terra seria instável

#### 12 - Massa de Júpiter

- Se maior: órbita da Terra seria instável.
- Se menor: Muitas colisões com asteróides e cometas ocorreriam na Terra.

- Probabilidade de ocorrer todas essas combinações de parâmetros no sistema sol-terra lua para suporte à vida =  $10^{-99}$ .

- O universo possui não mais que  $10^{80}$  núcleos (prótons + nêutrons) e existe a não mais do que  $10^{18}$  segundos.

- Esse argumento sustenta filosoficamente o que a Bíblia afirma, por exemplo, em:

*Jr 10:12 O SENHOR fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua sabedoria e com a sua inteligência estendeu os céus.*

*Jó 38:2-5 Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? 3 Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. 4 Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento.*

*5 Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel?*

*Is 40:12 Quem na concha de sua mão mediu as águas e tomou a medida dos céus a palmas? Quem recolheu na terça parte de um efa o pó da terra e pesou os montes em romana e os outeiros em balança de precisão?*

## XI – SUPOSTOS ERROS DA BÍBLIA

Os críticos afirmam que a Bíblia está cheia de erros. Alguns até mencionam milhares de erros. Mas cristãos ortodoxos de todas as eras afirmaram que a Bíblia é infalível no texto original “autógrafos”. Nenhum erro que se estenda até o texto original da Bíblia foi comprovado. Há certamente erros de tradução e textos não compreendidos.

### **Porque a Bíblia não pode errar.**

O argumento de uma Bíblia sem erros (infalível) pode ser colocado na seguinte forma lógica:

Deus não pode errar.

A Bíblia é a Palavra de Deus.

Logo, a Bíblia não pode errar.

### **Dificuldades Bíblicas:**

1. Deixar de entender o contexto: erro mais comuns dos intérpretes e até dos críticos. Com um texto fora do contexto pode se provar de tudo usando a bíblia. Por exemplo a bíblia diz: “Deus não existe” Sl 14.1. Mas o contexto diz: “diz o tolo em seu coração: Deus não existe.”
2. Supor que o inexplicado é inexplicável. Como a ciência hoje tem uma resposta para fatos que no passado não era entendido, a bíblia certamente contém assuntos que ainda não fora esclarecido, mas com a pesquisa, estudo poderá ser explicado. Os críticos argumentaram que Moisés não poderia ter escrito os cinco primeiros livros da bíblia, porque a cultura da época de Moisés era anterior à invenção da escrita. Agora sabemos que a escrita existia milhares de anos antes de Moisés. Muitos críticos acreditavam que as referências da bíblia ao povo heteu eram completamente fictícias. Um povo com esse nome amais existira. Agora que a biblioteca nacional dos heteus foi encontrada na Turquia, as afirmações outrora confiantes dos cétricos parecem ridículas.
3. Supor que a Bíblia é culpada de erro até provar inocência. Muitos críticos supõem que a bíblia está errada até que algo prove estar correta. M, como um cidadão acusado de um crime, a bíblia deve ser lida no mínimo com a mesma pressuposição de precisão conferida a outras obras literárias que afirmam ser não-ficção. Se supuséssemos que placas de transito

e semáforos não estão dizendo a verdade provavelmente estaríamos mortos antes de poder provar o contrário.

4. Confundir interpretação com revelação. Ainda que a bíblia seja infalível, as interpretações humanas não são. Embora a Palavra de Deus seja perfeita (Sl 19.7), enquanto seres humanos imperfeitos existirem haverá más interpretações da Palavra de Deus e falsas teorias sobre este mundo.
5. Interpretar o que é difícil pelo que é claro. Algumas passagens são tão difíceis de entender ou parecem contradizer algumas partes da Escrituras. Tiago parece dizer que a salvação é por obras (Tg 2.14-26), enquanto Paulo ensina que é pela graça (Ef 2.8, 9). A leitura cuidadosa de tudo o que Tiago diz e tudo o que Paulo diz mostra que Paulo está falando sobre justificação diante de Deus (somente pela fé), enquanto Tiago está se referindo à justificação diante dos outros (que só veem o que fazemos). Tanto Tiago como Paulo falam das obras que sempre acompanham a vida daquele que ama a Deus.
6. Esquecer as características humanas da Bíblia. Com exceção de algumas seções pequenas como os Dez Mandamentos, que foram escritos “pelo Dedo de Deus” (Ex 31.18), a bíblia não foi ditada verbalmente. Os autores não eram meros secretários do Espírito Santo. Eram autores humanos empregando seus estilos literários e maneiras de sentir. Esses autores humanos às vezes usavam fontes humanas para seu material (Js 10.13; At 17.28; I Co 15.33; Tt 1.12). Na verdade todos os livros da bíblia são a composição de um escritor humano, cerca de 40 deles ao todo. A bíblia também manifesta estilos humanos de literatura diferentes. Os autores falam do ponto de vista do observador quando escrevem sobre o sol nascendo ou se pondo (Js 1.15). Também revelam padrões humanos de pensamento, inclusive lapsos de memória (I Co 1.14-16), assim como emoções humanas (Gl 4.14).
7. Supor que um relatório parcial é um relatório falso. Os críticos geralmente deduzem que um relatório parcial é falso. Mas isso não é verdade. Se fosse a maior parte do que já foi dito seria falsa, já que raramente o tempo ou espaço permite um relatório absolutamente completo. Alguns autores bíblicos expressa a mesma coisa de maneiras diferentes, ou pelo menos de pontos de vista diferentes, em épocas diferentes enfatizando coisas diferentes. Assim, a inspiração não exclui a diversidade da expressão. Os quatro evangelhos relatam a mesma história, muitas vezes os mesmos incidentes, de maneiras diferentes para grupos diferentes e às vezes até citam a mesma afirmação com palavras diferentes, como por

exemplo: Mateus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16.16) – Marcos “Tu és o Cristo” (8.20) - Lucas “O Cristo de Deus” (9.20).

8. Supor que relatórios divergentes são falsos. O fato de dois ou mais relatórios do mesmo evento serem diferentes não quer dizer que sejam mutuamente excludentes. Mateus 28.5 diz que havia um anjo no túmulo após a ressurreição, enquanto João nos informa que eram dois (20.12). Mas não há relatórios contraditórios. Uma regra matemática infalível explica facilmente esse problema: onde há dois, sempre há um. Mateus não disse que havia apenas um anjo. Também poderia haver um anjo no túmulo em determinado momento dessa manhã agitada e dois em outro.
9. Supor que a Bíblia aprova tudo o que registra. É um erro supor que tudo que a bíblia contém é elogiado por ela. A bíblia inteira é verdadeira (Jo 17.17), mas registra mentiras, por exemplo, as de Satanás (Gn 3.4); Jo 8.44). A inspiração abarca a bíblia completamente no sentido em que registra precisa verdadeiramente até as mentiras e erros dos seres pecadores. A verdade da bíblia é encontrada naquilo que ela revela, não em tudo que registra. Se essa distinção não for feita, pode-se dizer equivocadamente que a bíblia ensina imoralidade porque narra a pecado de Davi (2Sm 11.4).
10. Esquecer que a Bíblia não é técnica. Para ser verdadeiro, não é necessário usar linguagem erudita, técnica ou científica. A bíblia foi escrita para pessoas comuns de todas gerações e, portanto, usa a linguagem comum do dia-a-dia. O uso de linguagem fenomenológica, não científica, não é anticientífica, é apenas pré-científica. As Escrituras foram compostas na antiguidade por padrões antigos, e seria anacrônico impor padrões científicos modernos a ela. Mas não é mais anticientífico falar que o sol “se deteve” que dizer que o sol se pôs (Js 10.13).

## **XII - O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA APOLOGÉTICA**

A maioria dos apologistas cristãos concordam que o Espírito Santo dá ao indivíduo testemunho da salvação pessoal Romanos 8.16 afirma: “O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus” e também (1Jo 3.24; 4.13). Muitos também acreditam que o Espírito Santo dá testemunho da verdade do cristianismo. Um dos vários textos que ensinam isso é 1 João 5.6-10.

Alguns alegam que o uso da razão relacionada a Deus, como a apologética diz fazer, é incoerente com a ênfase bíblica da necessidade de o Espírito Santo convencer alguém da verdade do cristianismo. Mas a posição cristã é que não há contradição entre razão e evidência por um lado e a obra do Espírito Santo por outro.

Os pais da igreja primitiva. Os primeiros apologistas cristãos, Justino Mártir de (100-165) a Clemente de Alexandria (155-220), usaram a razão para defender a fé. Eles também acreditavam na necessidade da revelação divina e da obra do Espírito Santo para trazer a verdade sobre Deus à humanidade. No entanto, não deram tratamento sistemático ao relacionamento preciso entre a razão humana e o ministério do Espírito Santo.

Agostinho. Agostinho (354-430) enfatizou a obra do Espírito – chamar os seres humanos deprimidos e mortos em delitos à nova vida em Cristo. Mas manteve essa obra em tensão com a crença de que a razão humana é necessária pra julgar e entender a revelação divina. Sem ela não podemos conhecer a verdade de Deus. Cada um dos cinco propósitos servidos pela razão no pensamento de Agostinho é independente da mediação sobrenatural do Espírito Santo.

A razão vem antes da fé. Primeiro, há um sentido em que a razão vem antes da fé. Agostinho declarou que: “ninguém realmente acredita em algo a não ser que tenha primeiro pensado que tudo que em que se acredita deve ser aceito depois que o pensamento mostra o caminho”.

A razão distingue os seres humanos. Segundo, a razão é uma faculdade distintiva e superior nos seres humanos.

“Deus nos livre que ele odeie em nós a faculdade pela qual nos fez superiores aos outros seres. Portanto, devemos recusar-nos a acreditar nisso e não receber ou buscar a razão para nossa própria crença já que não poderíamos nem acreditar se não tivéssemos almas racionais.”

A razão completa a criação e a providência. Terceiro, a razão complementa as provas que Deus dá de sua existência. “Ficará claro que Deus existe quando, com sua assistência, eu provar, como prometi, que existe algo superior à razão humana”

A razão capacita a comentar o evangelho. Quarto, a razão ajuda as pessoas a entenderem o conteúdo da mensagem cristã. Como alguém pode acreditar num pregador sem entender as palavras que o pregador fala? O entendimento contribui para a crença.

A razão remove as objeções. Quinto, a razão pode ser usada para remover objeções à fé. Referindo-se a alguém que tinha dúvidas antes de se tornar cristão, escreveu: “É razoável que indague sobre a ressurreição dos mortos antes de ser admitido aos sacramentos cristãos”.

Agostinho ensinou que a razão é útil antes, durante e depois de se exercitar a fé no evangelho. No entanto, a razão tem deficiências e, sem a obra do Espírito Santo, a humanidade estaria nas trevas.

O papel do Espírito Santo. A necessidade e superioridade da revelação divina ficam bastante claras no pensamento de Agostinho. Uma famosa afirmação sua é: “Primeiro creia, depois entenda” – “Se quiséssemos saber e depois crer, não seríamos capazes nem de saber nem de Crer”. Já que a fé foi um dom do Espírito, não há verdadeiro conhecimento da fé cristã sem a obra do Espírito Santo.

A revelação supera o resultado do pecado. “A falsidade surge não porque as coisas nos enganam, é o pecado que engana a alma, quando as pessoas buscam algo que é verdadeiro, mas abandonam ou negligenciam a verdade”. Esse pecado é herdado, pois: “o pecado que eles (Adão e Eva) cometeram foi tão grande que prejudicou toda natureza humana – nesse sentido, a natureza foi transmitida à posteridade com uma propensão ao pecado e uma necessidade de morrer.”

Somente a revelação divina recebida pela fé pode superar isso. “E ninguém consegue descobrir Deus sem que tenha primeiro acreditado no que mais tarde conhecerá”.

A revelação é superior à razão. “Então o que entendemos devemos à razão; aquilo em que acreditamos, à autoridade”. Agostinho deixou isso bem explícito quando confessou a Deus: “Éramos fracos demais para encontrar a verdade somente por meio da razão, por essa causa precisávamos da autoridade das Escrituras Sagradas”.

Além de o Espírito Santo ser o meio pelo qual recebemos a revelação escrita de Deus, ele é necessário para iluminar e confirmar sua verdade. E o Espírito Santo é a verdade da presença de Deus no cristão. “Se em verdade tens caridade, tens o Espírito de Deus para entender: pois é uma coisa muito necessária”

Tomás de Aquino (1224-1274). Ele via três usos para a razão: A razão humana pode ser usada para provar a teologia natural (a existência e natureza de um Deus). Pode também ser usada para ilustrar a teologia sobrenatural (a Trindade e a encarnação). E pode ser usada para refutar falsas teologias.

Mas somente o Espírito Santo pode superar em nós os efeitos do pecado, da corrupção, porque revela em nós a verdade sobrenatural concedendo fé.

João Calvino (1509-1564). Ele acreditava que a razão humana era adequada para entender a existência de Deus, a imortalidade da alma e até a verdade do cristianismo. Ao mesmo tempo, acreditava que ninguém poderia ter certeza dessas verdades sem a obra do Espírito Santo. Acreditava que muitas verdades sobre Deus poderiam ser conhecidas, sem qualquer obra especial do Espírito Santo, tais como senso de divindade, lei natural e evidência da verdade Bíblica.

Concluindo, percebemos que a razão humana sem a revelação especial pode fornecer argumentos que apoiam a existência de Deus, conhecer vários atributos essenciais de Deus, oferecer evidência que sustenta a fé cristã, defender o cristianismo contra ataques, julgar a verdade de supostas revelações e ensinar o conteúdo de uma revelação de Deus. Mas há limites para a razão. Ela é marcada pelos efeitos do pecado. Não chega ao conhecimento adequado do Deus verdadeiro sem a ajuda divina. Não pode conceder certeza absoluta com relação à verdade sobre Deus. Ela sozinha não pode levar ninguém a crer em Deus ou dar conhecimento salvador. O papel do Espírito Santo. A maioria dos apologistas clássicos concorda que o Espírito Santo tem vários papéis apologéticos necessários. O Espírito possibilitou a origem das Escrituras. Dá aos indivíduos entendimento da verdade revelada nas Escrituras e suas implicações. O Espírito Santo é necessário para a convicção total das verdades do cristianismo, e só ele leva as pessoas a crer na verdade redentora de Deus. O Espírito Santo age na evidência e por meio dela, mas não separado dela. Como Espírito de um Deus racional, não se desvia da mente para chagar ao coração. O Espírito oferece evidência sobrenatural (milagres) para confirmar o cristianismo.

## **CAPÍTULO XIII – CARTA A DIOGNETO E O DIDAQUÊ**

### **1. Carta a Diogneto**

#### **EPÍSTOLA A DIOGNETO**

*Um pagão culto, desejoso de conhecer melhor a nova religião que se espalhava pelas províncias do império romano, impressionado pela maneira como os cristãos desprezavam o mundo, a morte e os deuses pagãos, pelo amor com que se amavam, queria saber: que Deus era aquele em quem*

*confiavam e que gênero de culto lhe prestavam; de onde vinha aquela raça nova e por que razões aparecera na história tão tarde. Foi para responder a estas e outras questões de igual importância que nasceu esta joia da literatura cristã primitiva, o escrito que conhecemos como Epístola a Diogneto. O texto se revela, simultaneamente, como crítica do paganismo e do judaísmo e defesa da superioridade do cristianismo. Sobre este documento, infelizmente, não se sabe muita coisa. Elementos importantes que ajudam a determinar e caracterizar uma obra, tais como autor, data e local de composição, bem como o destinatário, ficam na sombra. De qualquer maneira trata-se de um documento de primeira grandeza sobre a vida cristã primitiva que merece ser colocado entre as obras mais brilhantes da literatura cristã. De acordo com os últimos estudos o destinatário mais provável seria o imperador Adriano, que exercia a função de arconte em Atenas desde 112 d.C.*

Exórdio

Excelentíssimo Diogneto,

1. Vejo que te interessas em aprender a religião dos cristãos e que, muito sábia e cuidadosamente te informaste sobre eles: Qual é esse Deus no qual confiam e como o veneram, para que todos eles desdenhem o mundo, desprezem a morte, e não considerem os deuses que os gregos reconhecem, nem observem a crença dos judeus; que tipo de amor é esse que eles têm uns para com os outros; e, finalmente, por que esta nova estirpe ou gênero de vida apareceu agora e não antes. Aprovo este teu desejo e peço a Deus, o qual preside tanto o nosso falar como o nosso ouvir, que me conceda dizer de tal modo que, ao escutar, te tornes melhor; e assim, ao escutares, não se arrependa aquele que falou.

Refutação da idolatria

2. Começemos. Purificado de todos os preconceitos que se amontoam em sua mente; despojado do teu hábito enganador, e tornado, pela raiz, homem novo; e estando para escutar, como confessas, uma doutrina nova, vê não somente com os olhos, mas também com a inteligência, que substância e que forma possuem os que dizeis que são deuses e assim os considerais; não é verdade que um é pedra, como a que pisamos; outro é bronze, não melhor que aquele que serve para fazer os utensílios que usamos; outro é madeira que já está podre; outro ainda é prata, que necessita de

alguém que o guarde, para que não seja roubado; outro é ferro, consumido pela ferrugem; outro de barro, não menos escolhido que aquele usado para os serviços mais vis? Tudo isso não é de material corruptível? Não são lavrados com o ferro e o fogo? Não foi o ferreiro que modelou um, o ourives outro e o oleiro outro? Não é verdade que antes de serem moldados pelos artesãos na forma que agora têm, cada um deles poderia ser, como agora transformado em outro? E se os mesmos artesãos trabalhassem os mesmos utensílios do mesmo material que agora vemos, não poderiam transformar-se em deuses como esses? E, ao contrário, esses que adorais, não poderiam transformar-se, por mãos de homens, em utensílios semelhantes aos demais? Essas coisas todas não são surdas, cegas, inanimadas, insensíveis, imóveis? Não apodrecem todas elas? Não são destrutíveis? A essas coisas chamais de deuses, as servis, as adorais, e terminais sendo semelhante a elas. Depois, odiais os cristãos, porque estes não os consideram deuses. Contudo, vós que os julgais e imaginais deuses, não os desprezais mais do que eles? Por acaso não zombais deles e os cobris ainda mais de injúrias, vós que venerais deuses de pedra e de barro, sem ninguém que os guarde, enquanto fechais à chave, durante a noite, aqueles feitos de prata e de ouro, e de dia colocais guardas para que não sejam roubados? Com as honras que acreditais tributar-lhes, se é que eles têm sensibilidade, na verdade os castigais com elas; por outro lado, se são insensíveis, vós os envergonhais com sacrifícios de sangue e gordura. Caso contrário, que alguém de vós prove essas coisas e permita que elas lhe sejam feitas. Mas o homem, espontaneamente, não suportaria tal suplício, porque tem sensibilidade e inteligência; a pedra, porém, suporta tudo, porque é insensível. Concluindo, eu poderia dizer-te outras coisas sobre o motivo que os cristãos têm para não se submeterem a esses deuses. Se o que eu disse parece insuficiente para alguém, creio que seja inútil dizer mais alguma coisa.

### Refutação do culto judaico

3. Por outro lado, creio que desejais particularmente saber por que eles não adoram Deus à maneira dos judeus. Os judeus têm razão quando rejeitam a idolatria, de que falamos antes, e prestam culto a um só Deus, considerando-o Senhor do universo. Contudo, erram quando lhe prestam um culto semelhante ao dos pagãos. Assim como os gregos demonstram idiotice, sacrificando a coisas insensíveis e surdas, eles também, pensando em oferecer coisas a Deus, como se ele tivesse necessidade delas, realizam algo que é parecido a loucura, e não um ato de culto. “Quem fez o céu e a terra, e tudo o que neles existe”, e que provê todo aquilo de que necessitamos, não tem

necessidade nenhuma desses bens. Ele próprio fornece as coisas àqueles que acreditam oferece-las a ele. Aqueles que creem oferecer-lhe sacrifícios com sangue, gordura e holocaustos, e que o enaltecem com esses atos, não me parecem diferentes daqueles que tributam reverência a ídolos surdos, que não podem participar do culto. Os outros imaginam estar dando algo a quem de nada precisa.

#### O ritualismo judaico

4. Não creio que tenhas necessidade de que eu te informe sobre o escrúpulo deles a respeito de certos alimentos, a sua superstição sobre os sábados, seu orgulho da circuncisão, seu fingimento com jejuns e novilúnios, coisas todas ridículas, que não merecem nenhuma consideração. Não será injusto aceitar algumas das coisas criadas por Deus para uso dos homens como bem criadas e rejeitar outras como inúteis e supérfluas? Não é sacrílego caluniar a Deus, imaginando que nos proíbe fazer algum bem em dia de sábado? Não é digno de zombaria orgulhar-se da mutilação do corpo como sinal de eleição, acreditando, com isso ser particularmente amados por Deus? E o fato de estar em perpétua vigilância diante dos astros e da lua, para calcular os meses e os dias, e distribuir as disposições de Deus, e dividir as mudanças das estações conforme seus próprios impulsos, umas para festa e outras para luto? Quem consideraria isto prova de insensatez e não de religião? Penso que agora tenhas entendido suficientemente por que os cristãos estão certos em se abster da vaidade e do engano, assim como das complicadas observâncias e das vanglórias dos judeus. Não creias poder aprender do homem o mistério de sua própria religião.

#### Os mistérios cristãos

5. Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e a especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em casa gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, a cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos.

Põe a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem as leis estabelecidas, as com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, deste modo, lhes é dada a vida; são pobres e enriquecem a muitos; carecem de tudo e tem abundância de tudo; são desprezados e, no desprezo, tornam-se glorificados; são amaldiçoados e, depois, proclamados justos; são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegram como se recebessem a vida. Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos gregos são perseguidos, a aqueles que os odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio.

#### A alma do mundo

6. Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim estão os cristãos no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as partes do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. A alma ama a carne e os membros que a odeiam; também os cristãos amam aqueles que os odeiam. A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita em uma tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus. Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam. Tal é o posto que Deus lhes determinou, e não lhes é lícito dele desertar.

#### Origem divina do cristianismo

7. De fato, como já disse, não é uma invenção humana que lhes foi transmitida, nem julgam digno observar com tanto cuidado um pensamento mortal, nem se lhes confiou a administração de mistérios humanos. Ao contrário, aquele que é verdadeiramente senhor e criador de tudo, o Deus invisível, ele próprio fez descer do céu, para o meio dos homens, a verdade, a palavra santa e incompreensível, e a colocou em seus corações. Fez isso, não mandando para os homens, como

alguém poderia imaginar, algum dos seus servos, ou um anjo, ou algum príncipe daqueles que governam as coisas terrestres, ou algum dos que são encarregados das administrações dos céus, mas o próprio artífice e criador do universo; aquele por meio do qual ele criou os céus e através do qual encerrou o mar em seus limites; aquele cujo mistério todos os elementos guardam fielmente; aquele de cuja mão o sol recebeu as medidas que deve observar em seu curso cotidiano; aquele a quem a lua obedece, quando lhe manda luzir durante a noite; aquele a quem obedecem as estrelas que formam o séquito da lua em seu percurso; aquele que, finalmente, por meio do qual todo foi ordenado, delimitado e disposto: os céus e as coisas que existem nos céus, a terra e as coisas que existem na terra, o mar e as coisas que existem no mar, o fogo, o ar, o abismo, aquilo que está no alto, o que está no profundo e o que está no meio. Foi esse que Deus enviou. Talvez, como alguém poderia pensar, será que o enviou para que existisse uma tirania ou para infundir-nos medo e prostração? De modo algum. Ao contrário, enviou-o com clemência e mansidão, como um rei que envia seu filho. Deus o enviou, e o enviou como homem para os homens; enviou-o para nos salvar, para persuadir, e não para violentar, pois em Deus não há violência. Enviou-o para chamar, e não para castigar; enviou-o, finalmente, para amar, e não para julgar. Ele o enviará para julgar, e quem poderá suportar sua presença? Não vês como os cristãos são jogados às feras, para que reneguem o Senhor, e não se deixam vencer? Não vês como quanto mais são castigados com a morte, tanto mais outros se multiplicam? Isso não parece obra humana. Isso pertence ao poder de Deus e prova a sua presença.

## A Encarnação

8. Quem de todos os homens sabia o que é Deus, antes que ele próprio viesse? Quererás aceitar os discursos vazios e estúpidos dos filósofos, que por certo são dignos de toda fé? Alguns afirmam que Deus é o fogo - para onde irão estes, chamando-o de deus? - Outros diziam que é água. Outros ainda que é dos elementos criados por Deus. Não há dúvida de que se alguma dessas afirmações é aceitável, poderíamos também afirmar que cada uma de todas as criaturas igualmente manifesta Deus. Mas todas essas coisas são charlatanices e invenções de charlatães. Nenhum homem viu, nem conheceu a Deus, mas ele próprio se revelou a nós. Revelou-se mediante a fé, unicamente pela qual é concedido ver a Deus. Deus, Senhor e criador do universo, que fez todas as coisas e as estabeleceu em ordem, não só se mostrou amigo dos homens, mas também paciente. Ele sempre foi assim, continua sendo, e o será: clemente, bom, manso e verdadeiro. Somente ele é bom. Tendo concebido

grande e inefável projeto, ele o comunicou somente ao Filho. Enquanto o mantinha no mistério e guardava sua sábia vontade, parecia que não cuidava de nós, não pensava em nós. Todavia, quando, por meio de seu Filho amado, revelou e manifesto o que tinha estabelecido desde o princípio, concedeu-nos junto todas as coisas: não só participar de seu benefícios, mas ver e compreender coisas que nenhum de nós teria jamais esperado.

#### A economia divina

9. Quando Deus dispôs todo em si mesmo juntamente com seu Filho, no tempo passado, ele permitiu que nós, conforme a nossa vontade, nos deixássemos arrastar por nossos impulsos desordenados, levados por prazeres e concupiscências. Ele não se comprazia com os nossos pecados, mas também os suportava. Também não aprovava aquele tempo de injustiça, mas preparava o tempo atual de justiça, para que nos convencêssemos de que naquele tempo, por causa de nossas obras, éramos indignos da vida, e agora, só pela bondade de Deus, somos dignos dela. Também para que ficasse claro que por nossas forças era impossível entrar no Reino de Deus, e que somente pelo seu poder nos tornamos capazes disso. Quando a nossa injustiça chegou ao máximo e ficou claro que a única retribuição que poderiam esperar era castigo e morte, chegou o tempo que Deus estabelecera para manifestar a sua bondade e o seu poder. Oh imensa bondade e amor de Deus! Ele não nos odiou, não nos rejeitou, nem guardou ressentimento contra nós. Pelo contrário, mostrou-se paciente e nos suportou. Com, misericórdia tomou para si os nossos pecados e enviou o seu Filho para nos resgatar: o santo pelos ímpios, o inocente pelos maus, o justo pelos injustos, o incorruptível pelos corruptíveis, o imortal pelos mortais. De fato, que outra coisa poderia cobrir nossos pecados, senão a sua justiça? Por meio de quem poderíamos ter sido justificados nós, injustos e ímpios, a não ser unicamente pelo Filho de Deus? Oh doce troca, oh obra insondável, oh inesperados benefícios! A injustiça de muito é reparada por um só justo, e a justiça de um só torna justos muitos outros. Ele antes nos convenceu da impotência da nossa natureza para ter a vida; agora mostra-nos o salvador capaz de salvar até mesmo o impossível. Com essas duas coisas, ele quis que confiássemos na sua bondade e considerássemos nosso sustentador, pai, mestre, conselheiro, médico, inteligência, luz, homem, glória, força, vida, sem preocupações com a roupa e o alimento.

## A essência da nova religião

10. Se também desejas alcançar esta fé, primeiro deves obter o conhecimento do Pai. Deus, com efeito, amou os homens. Para eles criou o mundo e a eles submeteu todas as coisas que estão sobre a terra. Deu-lhes a palavra e a razão, e só a eles permitiu contemplá-lo. Formou-os à sua imagem, enviou-lhes o seu Filho unigênito, anunciou-lhes o reino do céu, e o dará àqueles que o tiverem amado. Depois de conhece-lo, tens ideia da alegria com que será preenchido? Como não amarás aquele que tanto te amou? Amando-o, tu te tornarás imitador da sua bondade. Não te maravilhes de que um homem possa se tornar imitador de Deus. Se Deus quiser, o homem poderá. A felicidade não está em oprimir o próximo, ou em querer estar pro cima dos mais fracos, ou enriquecer-se e praticar violência contra os inferiores. Deste modo, ninguém pode imitar a Deus, pois tudo isto está longe de sua grandeza. Todavia, quem toma para si o peso do próximo, e naquilo que é superior procura beneficiar o inferior; aquele que dá aos necessitados o que recebeu de Deus, é como Deus para os que receberam de sua mão, é imitador de Deus. Então, ainda estando na terra, contemplarás porque Deus reina nos céus. Aí começarás a falar dos mistérios de Deus, amarás e admirarás os que são castigados por não querer negar a Deus. Condenarás o erro e o engano do mundo, quando realmente conheceres a vida no céu, quando desprezares esta vida que aqui parece morte, e temeres a morte verdadeira, reservada àqueles que estão condenados ao fogo eterno, que atormentarás até o fim aqueles que lhe forem entregues. Se conheceres este fogo, ficarás admirado, e chamarás de felizes aqueles que, com justiça, suportaram o fogo passageiro.

## O discípulo do Verbo

11. Não falo de coisas estranhas, nem busco coisas absurdas. Discípulo dos apóstolos, torno-me agora mestre das nações e transmito o que me foi entregue para aqueles que se tornaram discípulos dignos da verdade. De fato quem foi retamente instruído e gerado pelo Verbo amável, não procura aprender com clareza o que o mesmo Verbo claramente mostrou aos seus discípulos? O Verbo apareceu para eles, manifestando-se e falando livremente. Os incrédulos não o compreenderam, mas ele guiou os discípulos que julgou fiéis, e estes conheceram os mistérios do Pai. Deu enviou o Verbo como graça, para que se manifestasse ao mundo. Desprezado pelo povo, foi anunciado pelos apóstolos a acreditado pelos pagãos. Desde o princípio e apareceu como novo e era antigo, a agora sempre se torna novo nos corações dos fiéis. Ele é desde sempre, e hoje é reconhecido como Filho.

Por meio dele, a Igreja se enriquece e a graça se multiplica, difundindo-se nos fiéis. Essa graça inspira a sabedoria, desvela os mistérios e anuncia os tempos, alegra-se nos fiéis, entrega-se aos que a buscam, sem infringir as regras da fé nem ultrapassar os limites dos Padres. Celebra-se então o temor da lei, reconhecesse a graça dos profetas, conserva-se a fé dos evangelhos, guarda-se a tradição dos apóstolos e a graça da Igreja exulta. Não contristando essa graça, saberás o que o Verbo diz por meio dos que ele quer e quando quer. Com efeito, quantas coisas fomos levados a vos explicar com zelo pala vontade do Verbo que no-las inspira! Nós vos comunicamos por amor essas mesmas coisas que nos foram reveladas.

#### A verdadeira ciência

12. Atendendo e ouvindo com cuidado, conhecereis que coisas Deus prepara para os que o amam com lealdade. Transformam-se em paraíso de delícias, produzindo em si mesmos uma arvore fértil e frondosa, ornados com toda a variedade de frutos. Com efeito, neste lugar foi plantada a árvore da ciência e a arvore da vida; não é a arvore da ciência que mata, e sim a desobediência. Não é sem sentido que está escrito: No princípio Deus plantou a arvore da ciência da vida no meio do paraíso, indicando assim a vida por meio da ciência. Contudo, por não tê-la usado de maneira pura, os primeiros homens ficaram nus por causa da sedução da serpente. De fato, não há vida sem ciência, nem ciência segura sem verdadeira vida, e por isso as duas árvores foram plantadas uma perto da outra. Compreendendo essa força e lastimando a ciência que se exercita sobre a vida sem a norma da verdade, o Apóstolo diz: “A ciência incha; o amor, porém, edifica.” De fato, quem pensa que sabe alguma coisa sem a verdadeira ciência, testemunhada pela vida, não sabe nada: é enganado pala serpente, não tendo amado a vida. Aquele, porém, que sabe com temor e procura a vida, planta na esperança, esperando o fruto. Que a ciência seja coração para ti; a vida seja o Verbo verdadeiramente compreendido. Levando a arvore dele e produzindo fruto, sempre colherás o que é agradável diante de Deus, o que a serpente não toca, nem se mistura em engano; nem Eva é corrompida, mas reconhecida como virgem. A salvação é mostrada, os apóstolos são compreendidos, a Páscoa do Senhor se adianta, os círios se reúnem, harmoniza-se com o mundo e, instruindo os santos, o Verbo se alegra, pelo qual o Pai é glorificado. A ele, a glória pelos séculos. Amém

## 2. O Didaquê

### " DOCTRINA DOS DOZE APÓSTOLOS "

Primeiro documento utilizado na catequese do século I. Teve várias redações, que definem as etapas da catequese para os missionários no meio judeu-cristão. Possui uma parte doutrinária e outra litúrgica.

#### **Capítulo I - Amor a Deus e ao próximo.**

Os dois caminhos: o da vida exige o amor a Deus e ao próximo

Introdução (Didaquê) do Senhor aos gentios.

1 - Há dois caminhos: um da vida e outro da morte [Cf Jer 21,8; Dt 5,32s; 11,26-28; 30,15-20; Ecli 15,15-17]. A diferença entre ambos é grande.

2 - O caminho da vida é, pois, o seguinte: primeiro amarás a Deus que te fez; depois a teu próximo como a ti mesmo [Cf Dt 6,5; 10,12s; Ecli 7,30; Lev 19,18; Mt 22,37]. E tudo o que não queres que seja feito a ti, não o faças a outro [Cf Mt 7,12; Lc 6,31].

3 - Eis a doutrina relativa a estes mandamentos: Bendizeis aqueles que vos amaldiçoam, orai por vossos inimigos, jejuai por aqueles que vos perseguem. Com efeito, que graça vós tereis, se ama is os que vos amam? Não fazem os gentios o mesmo? Vós, porém, amai os que vos odeiam e não tenhais inimizade [Cf Mt 5,44s; Lc 6,27s; 6,32s].

4 - Abstém-te dos prazeres carnis [Cf 1Ped 2,11]. Se alguém te bate na face direita, dá-lhe também a outra e tu serás perfeito. Se alguém te obrigar a mil (passos), anda dois mil com ele. Se alguém tomar teu manto, dá-lhe também tua túnica. Se alguém toma teus bens, não reclames, pois de todo o jeito não podes [Cf Mt 5,39ss; Lc 6,29].

5 - Dá a todo aquele que te pedir, sem exigir devolução. Pois a vontade do Pai é que se dê dos seus próprios dons. Bem-aventurado é aquele que dá conforme a lei, pois é irrepreensível. Ai daquele que toma (recebe)! Se, porém, alguém tiver necessidade de tomar (receber), é isento de culpa. Mas se não estiver em necessidade, terá que se responsabilizar pelo motivo e pelo fim por que

recebeu. Colocado na prisão, ele não sairá de lá, até ter pago o último quadrante (vintém) [Mt 5,25s; Lc 12,58s].

6 - Mas é verdade que a este propósito também foi dito: Que tua esmola sue em tuas mãos, até que souberes a quem dar [Cf Ecli 12,1].

## **Capítulo II - Deveres para com a vida (aborto)**

Dos deveres para com a vida e a propriedade do próximo

1 - O segundo mandamento da Instrução (Didaqué) é:

2 - Não matarás, não cometerás adultério; não te entregarás à pederastia, não fornicarás, não furtarás, não exercerás magia, nem bruxaria (charlatanice). Não matarás criança por aborto, nem criança já nascida; não cobiçarás os bens do próximo.

3 - Não serás perjuro [Cf Mt 5,33; Ex 20,7], nem darás falso testemunho; não falarás mal do outro, nem lhe guardarás rancor.

4 - Não usarás de ambiguidade nem no pensamento nem na palavra, pois a duplicidade é uma trama fatal [Cf Prov 21,6].

5 - Tua palavra não seja falsa, nem vã; mas, ao contrário, seja cheia de sinceridade e seriedade (comprovada pela ação).

6 - Não serás cobiçoso nem rapace, nem hipócrita, nem malicioso, nem soberbo. Não nutrirás má intenção contra teu próximo [Cf Ex 20,13-17; Dt 5,17-21].

7 - Não odiarás ninguém, mas repreenderás uns e rezarás por outros, e ainda amarás aos outros mais que a ti mesmo (que tua alma).

## **Capítulo III - Contra a paixão e idolatria**

Advertências contra a paixão e a idolatria

1 - Meu filho, evita tudo o que é mau e semelhante ao mal.

2 - Não sejas odiento, pois o ódio conduz à morte; nem ciumento, nem brigalhão ou provocador, pois de tudo isso nascem os homicidas.

3 - Meu filho, não sejas cobiçoso de mulheres, pois a cobiça conduz à fornicação. Evita a obscenidade e os maus olhares, pois de tudo isto nascem os adúlteros.

4 - Meu filho, não sejas dado à adivinhação, pois ela conduz à idolatria. Abstém-te também da encantação (feitiçaria) e da astrologia e das purificações, nem procures ver ou ouvir (entender) estas coisas, pois tudo isto origina a idolatria.

5 - Meu filho, não sejas mentiroso, pois a mentira conduz ao roubo; não sejas avarento ou cobiçoso de fama, pois tudo isto origina o roubo.

6 - Meu filho, não sejas furioso, pois isto conduz à blasfêmia; não sejas insolente nem malvado, pois tudo isto origina as blasfêmias.

7 - Sê, antes, manso, pois os mansos possuirão a terra [Cf Mt 5,5; Sl 31,11].

8 - Sê longânime, misericordioso, sem falsidade, tranquilo e bom e guarda com toda a reverência a instrução ouvida.

9 - Não te eleves a ti mesmo e não entregues teu coração à insolência; não vivas com os 'grandes', mas com os justos e humildes.

10 - Tu aceitarás os acontecimentos da vida como sendo bons, sabendo que a Deus nada daquilo que acontece é estranho.

#### **Capítulo IV - Deveres dos senhores e empregados**

É melhor dar que receber. Deveres do senhor e dos escravos

1 - Meu filho, lembra-te dia e noite daquele que te anuncia a palavra de Deus e o honrarás como ao Senhor, pois onde se proclama sua soberania aí está o Senhor presente [Cf Hb 13,7].

2 - Todos os dias procurarás a companhia dos santos, para encontrar apoio em suas palavras.

- 3 - Não causarás cismas, mas reconciliarás os que lutam entre si. Julgarás de maneira justa, sem considerar a pessoa na correção das faltas [Cf Dt 1,16s; Prov 31,9].
- 4 - Não demorarás em procurar o que te há de acontecer ou não.
- 5 - Não terás as mãos sempre estendidas para receber, retirando-as quando se trata de dar.
- 6 - Se possuíres algo, graças ao trabalho de tuas mãos, dá-o em reparação por teus pecados.
- 7 - Não hesitarás em dar e, dando, não murmurarás, pois algum dia reconhecerás quem é o verdadeiro dispensador da recompensa.
- 8 - Não repelirás o indigente, mas antes repartirás tudo com teu irmão, não considerando nada como teu, pois, se divides os bens da imortalidade, quanto mais o deves fazer com os corruptíveis [Cf At 4,32; Heb 13,16].
- 9 - Não retirarás a mão de teu filho ou de tua filha, mas desde sua juventude os instruirás no temor a Deus.
- 10 - Não darás ordens com rancor ao teu povo ou à tua serva, que esperam no mesmo Deus que tu, para que não percam o temor de Deus que está acima de todos. Com efeito, Ele não virá chamar segundo a aparência da pessoa, mas segundo a preparação do espírito.
- 11 - Vós, servos, sede submissos aos vossos senhores como se eles fossem uma imagem de Deus, com respeito e reverência [Cf Ef 6,1-9; Col 3,20-25].
- 12 - Detestarás toda a hipocrisia e tudo o que é desagradável ao Senhor.
- 13 - Não violarás os mandamentos do Senhor e guardarás o que recebeste, sem acrescentar nem tirar algo.
- 14 - Na assembleia, confessarás tuas faltas e não entrarás em oração de má consciência. - Este é o caminho da vida.

## **Capítulo V - Do caminho da morte**

Do caminho da morte

1- O caminho da morte é o seguinte: em primeiro lugar, é mau e cheio de maldições: mortes, adultérios, paixões, fornicações, roubos, idolatrias, práticas mágicas, bruxarias, rapinagens, falsos testemunhos, hipocrisias, ambiguidades (falsidades), fraude, orgulho, maldade, arrogância, cobiça, má conversa, ciúme, insolência, extravagância, jactância, vaidade e ausência do temor de Deus;

2 - Perseguidores dos bons, inimigos da verdade, amantes da mentira, ignorantes da recompensa da justiça, não-desejosos do bem nem do justo juízo, vigilantes, não pelo bem, mas pelo mal, estranhos à doçura e à paciência, amantes da vaidade, cobiçosos de retribuição, sem compaixão com os pobres, sem cuidado para com os necessitados, ignorantes de seu Criador, assassinos de crianças, destruidores da obra de Deus, desprezadores dos indigentes, opressores dos aflitos, defensores dos ricos, juízes iníquos dos pobres, pecadores sem fé nem lei. - Filho, fica longe de tudo isso.

## **Capítulo VI - Aceita o jugo do Senhor**

Perfeito é quem aceita o jugo do Senhor

1 - Vigia para que ninguém te afaste deste caminho da instrução, ensinando-te o que é estranho a Deus [Cf Mt 24,4].

2 - Pois, se puderes portar todo o jugo do Senhor, serás perfeito; se não puderes, faze o que puderes.

3 - Quanto aos alimentos, toma sobre ti o que puderes suportar, mas abstém-te completamente das carnes oferecidas aos ídolos, pois este é um culto aos deuses mortos.

## **Capítulo VII - Instrução sobre o batismo**

Instrução sobre o batismo

1 - No que diz respeito ao batismo, batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo em água corrente [Cf Mt 28,19]

2 - Se não tens água corrente, batiza em outra água; se não puderes em água fria, faze-o em água quente.

3 - Na falta de uma e outra, derrama três vezes água sobre a cabeça em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

4 - Mas, antes do batismo, o que batiza e o que é batizado, e se outros puderem, observem um jejum; ao que é batizado, deverás impor um jejum de um ou dois dias.

### **Capítulo VIII - Sobre o jejum e oração**

Sobre o jejum e a oração

1 - Vossos jejuns não tenham lugar (não sejam ao mesmo tempo) com os hipócritas; com efeito, eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana; vós, porém, jejuai na quarta-feira e na sexta (dia de preparação).

2 - Também não rezeis como os hipócritas, mas como o Senhor mandou no seu Evangelho: Nosso Pai no céu, que teu nome seja santificado, que teu reino venha, que tua vontade seja feita na terra, assim como no céu; dá-nos hoje o pão necessário (cotidiano), perdoa a nossa ofensa assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido e não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos do mal [Cf Mt 6,9-13; Lc 11,2-4], pois teu é o poder e a glória pelos séculos.

3 - Assim rezai três vezes por dia.

### **Capítulo IX - Sobre a celebração da Eucaristia**

Instrução sobre a celebração eucarística

1 - No que concerne à Eucaristia, celebri-a da seguinte maneira:

2 - Primeiro sobre o cálice, dizendo: Nós te bendizemos (agradecemos), nosso Pai, pela santa vinha de Davi, teu servo, que tu nos revelaste por Jesus, teu servo; a ti, a glória pelos séculos! Amém.

3 - Sobre o pão a ser quebrado: Nós te bendizemos (agradecemos), nosso Pai, pela vida e pelo conhecimento que nos revelaste por Jesus, teu servo; a ti, a glória pelos séculos! Amém.

4 - Da mesma maneira como este pão quebrado primeiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim das extremidades da terra seja unida a ti tua igreja (assembleia) em teu reino; pois tua é a glória e o poder pelos séculos! Amém.

5 - Ninguém coma nem beba de vossa Eucaristia, se não estiver batizado em nome do Senhor. Pois a respeito dela disse o Senhor: Não deis as coisas santas aos cães!

## **Capítulo X - Ação de graças após a ceia**

Ação de graças depois da ceia

1 - Mas depois de saciados, bendizeis (agradecei) da seguinte maneira:

2 - Nós te bendizemos (agradecemos), Pai Santo, por teu santo nome, que tu fizeste habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que tu nos revelaste por Jesus, teu servo; a ti, a glória pelos séculos. Amém.

3 - Tu, Senhor, Todo-poderoso, criaste todas as coisas para a glória de teu nome e, para o gozo deste alimento e a bebida aos filhos dos homens, a fim de que eles te bendigam; mas a nós deste uma comida e uma bebida espirituais para a vida eterna por Jesus, teu servo.

4 - Por tudo te agradecemos, pois és poderoso; a ti, a glória pelos séculos. Amém.

5 - Lembra-te, Senhor, de tua Igreja, para livrá-la de todo o mal e aperfeiçoá-la no teu amor; reúne esta igreja santificada dos quatro ventos no teu reino que lhe preparaste, pois teu é o poder e a glória pelos séculos. Amém.

6 - Venha tua graça e passe este mundo! Amém. Hosana à casa de Davi [Cf Mt 21,15]. Venha aquele que é santo! Aquele que não é (santo) faça penitência: Maranata! [Cf 1Cor 16,22; Apoc 22,20] Amém.

7 - Deixai os profetas bendizer (celebrar a Eucaristia) à vontade.

## Capítulo XI - Os Apóstolos e Profetas

Da hospitalidade para com os apóstolos e profetas

- 1 - Se, portanto, alguém chegar a vós com instruções conformes com tudo aquilo que acima é dito, recebei-o.
- 2 - Mas, se aquele que ensina é perverso e expõe outras doutrinas para demolir, não lhe deis atenção; se, porém, ensina para aumentar a justiça e o conhecimento do Senhor, recebei-o como o Senhor.
- 3 - A respeito dos apóstolos e profetas, fazei conforme as normas (texto grego: dogma) do Evangelho.
- 4 - Todo o apóstolo que vem a vós seja recebido como o Senhor.
- 5 - Mas ele não deverá ficar mais que um dia, ou, se necessário, mais outro. Se ele, porém, permanecer três dias é um falso profeta.
- 6 - Na sua partida, o apóstolo não leve nada, a não ser o pão necessário até a seguinte estação; se, porém, pedir dinheiro é falso profeta.
- 7 - E não coloqueis à prova nem julgueis um profeta em tudo que fala sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas este pecado não será perdoado [Cf Mt 12,31].
- 8 - Nem todo aquele que fala no espírito é profeta, a não ser aquele que vive como o Senhor. Na conduta de vida conhecereis, pois, o falso profeta e o (verdadeiro) profeta.
- 9 - E todo profeta que manda, sob inspiração, preparar a mesa não deve comer dela; ao contrário, é um falso profeta.
- 10 - Todo profeta que ensina a verdade sem praticá-la é falso profeta.
- 11 - Mas todo profeta provado (e reconhecido) como verdadeiro, representando o mistério cósmico da Igreja, não ensinando, porém, a fazer como ele faz, não seja julgado por vós, pois ele será julgado por Deus. Assim também fizeram os antigos profetas.

12 - O que disser, sob inspiração: dá-me dinheiro ou qualquer outra coisa, não o escuteis; se, porém, pedir para outros necessitados, então ninguém o julgue.

## **Capítulo XII - Hospitalidade com o próximo**

Da hospitalidade para com os outros

1 - Todo aquele que vem a vós, em nome do Senhor, seja acolhido. Depois de o haverdes sondado, sabereis discernir a esquerda da direita (pois tendes juízo).

2 - Se o hóspede for transeunte, ajudai-o quanto possível. Não permaneça convosco senão dois ou, se for necessário, três dias.

3 - Se quiser estabelecer-se convosco, tendo uma profissão, então trabalhe para o seu sustento.

4 - Mas, se ele não tiver profissão, procedei conforme vosso juízo, de modo a não deixar nenhum cristão ocioso entre vós.

5 - Se não quiser conformar-se com isto, é um que quer fazer negócios com o cristianismo. Acautelai-vos contra tal gente.

## **Capítulo XIII - Deveres para com os profetas**

Deveres para com os verdadeiros profetas

1 - Todo verdadeiro profeta que quer estabelecer-se entre vós é digno de seu alimento.

2 - Do mesmo modo, também o verdadeiro mestre, como o operário, é digno de seu alimento.

3 - Por isso, tomarás as primícias de todos os produtos da vindima e da eira, dos bois e das ovelhas e darás aos profetas, pois estes são os vossos grandes sacerdotes.

4 - Se vós, porém, não tiverdes profeta, dai-o aos pobres.

5 - Se tu fizeres pão, toma as primícias e dá-as conforme manda a lei.

6 - Do mesmo modo, abrindo uma bilha de vinho ou de óleo, toma as primícias e dá-as aos profetas.

7 - E toma as primícias do dinheiro, das vestes e de todas as posses e, segundo o teu juízo, dá-as conforme a lei.

#### **Capítulo XIV - Santificação do domingo**

Santificação do domingo pela eucaristia

1 - Reuni-vos no dia do Senhor para a fração do pão e agradecei (celebrai a eucaristia), depois de haverdes confessado vossos pecados, para que vosso sacrifício seja puro.

2 - Mas todo aquele que vive em discórdia com o outro, não se junte a vós antes de se ter reconciliado, a fim de que vosso sacrifício não seja profanado [Cf Mt 5,23-25].

3 - Com efeito, deste sacrifício disse o Senhor: Em todo o lugar e em todo o tempo se me oferece um sacrifício puro, porque sou um grande rei - diz o Senhor - e o meu nome é admirável entre todos os povos [Cf Mal 1,11-14].

#### **Capítulo XV - Eleição de bispos e diáconos**

Eleição dos bispos e diáconos

1 - Escolhei-vos, pois, bispos e diáconos dignos do Senhor, homens dóceis, desprendidos (altruístas), verazes e firmes, pois eles também exercerão entre vós a liturgia dos profetas e doutores (mestres).

2 - Não os desprezeis, porque eles são da mesma dignidade entre vós como os profetas e doutores.

3 - Repreendei-vos mutuamente uns aos outros, não com ódio, mas na paz, como tendes no Evangelho. E ninguém fale com (todo) aquele que ofendeu o outro (próximo), nem o escute até que ele se tenha arrependido.

4 - Fazei vossas preces, esmolas e todas as vossas ações como vós tendes no Evangelho de Nosso Senhor.

## Capítulo XVI - Parusia do Senhor

### Da Parusia do Senhor

- 1 - Vigiai sobre vossa vida. Não deixeis apagar vossas lâmpadas nem solteis o cinto de vossos rins, mas estai preparados, pois não sabeis a hora na qual Nosso Senhor vem [Cf Mt 24,41-44; 25,13; Lc 13,35].
- 2 - Reuni-vos frequentemente para procurar a salvação de vossas almas, pois todo o tempo de vossa fé não vos servirá de nada se no último momento não vos tiverdes tornado perfeitos.
- 3 - Com efeito, nos últimos dias se multiplicarão os falsos profetas e os corruptores; as ovelhas se transformarão em lobos e o amor em ódio [Cf Mt 24,10-13; 7,15].
- 4 - Com o aumento da iniquidade, os homens se odiarão, se perseguirão e se trairão mutuamente e então aparecerá o sedutor do mundo como se fosse o filho de Deus. Ele fará milagres e prodígios e a terra será entregue em suas mãos e ele cometerá tais crimes como jamais se viu desde o começo do mundo [Cf Mt 24,24; 2Tes 2,4-9].
- 5 - Então toda a criatura humana passará pela prova de fogo e muitos se escandalizarão e perecerão. Mas aqueles que permanecerem firmes na sua fé serão salvos por aquele que os outros amaldiçoam (pelo amaldiçoado) [Cf Mt 24,10-13].
- 6 - Aparecerão os sinais da verdade: primeiro o sinal da abertura no céu, depois o sinal do som da trombeta e, em terceiro lugar, a ressurreição dos mortos [Cf Mt 24,31; 1Cor 15-52; 1Tes 4,16].
- 7 - mas não de todos, segundo a palavra da escritura: O Senhor virá e todos os santos com Ele.
- 8 - Então verá o mundo a vinda do Senhor sobre as nuvens do céu [Cf Mt 24,30; 26,64].

## CONCLUSÃO DO CURSO

Esperamos que os assuntos estudados neste curso, através dos contextos teológico e filosófico, tenham ajudado o aluno a vitalizar as doutrinas bíblicas e a vida prática cristã, preparando para argumentar de forma correta para defender a verdade cristã.

Descobrimo também que a fé cristã e a Bíblia jamais se contradizem com o vasto conhecimento secular como a filosofia, a ciência, a história, a sociologia e a psicologia.

Que Deus continue te abençoando!!

## REFERÊNCIAS

- Champlin, R. N., Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, Hagnos;
- Gonzáles, Justo L., A Era dos Mártires, Uma História Ilustrada do Cristianismo, Vida Nova;
- Geisler, Normam. Enciclopédia Apologética, Vida;
- Langston, Teologia Sistemática;
- Carnes, Uma História Ilustrada do Cristianismo;
- Elwell, Walter A., Enclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, Vida Nova;

**OBS:**

**É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.**